

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

NICOLA ECIO STELLA

**ECONOMIA DO FUTEBOL: EQUILÍBRIO COMPETITIVO E DESEQUILÍBRIO
CAUSADO POR PARTICIPAÇÕES EM COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS**

Porto Alegre

2010

NICOLA ECIO STELLA

**ECONOMIA DO FUTEBOL: EQUILÍBRIO COMPETITIVO E DESEQUILÍBRIO
CAUSADO POR PARTICIPAÇÕES EM COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS**

Monografia apresentada à banca examinadora do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, sob orientação do Professor Doutor Sérgio Marley Modesto Monteiro.

Porto Alegre

2010

NICOLA ECIO STELLA

**ECONOMIA DO FUTEBOL: EQUILÍBRIO COMPETITIVO E DESEQUILÍBRIO
CAUSADO POR PARTICIPAÇÕES EM COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS**

Monografia apresentada à banca examinadora do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, sob orientação do Professor Doutor Sérgio Marley Modesto Monteiro.

Aprovada em: Porto Alegre, 15 de dezembro de 2010.

Professor Doutor Sérgio Marley Modesto Monteiro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Professor Doutor Stefano Florissi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Professor Doutor Eugênio Lagemann
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram de fundamental importância para a realização deste trabalho, e não apenas do trabalho em si, mas de tudo o que este representa, como a conclusão da jornada da graduação. Certamente seria impossível citar todos os nomes de todas as pessoas que contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui, hoje. Mas ainda assim, com o perdão daqueles que foram importantes, mas não foram citados, vou me arriscar a agradecer citando os nomes das pessoas. Em primeiro lugar, meus pais, Aparecido e Jaci, sem os quais eu jamais teria chegado até aqui, e que sempre me apoiaram em todos os momentos ruins e comigo comemoraram todos os bons momentos. Meu irmão, Caciano, que apesar de distante geograficamente, sempre serviu de apoio e sem ele sei que tudo teria sido mais difícil. Aos professores em geral, não apenas aos da faculdade, mas sim todos aqueles que de alguma maneira me ensinaram algo além dos conhecimentos que podem ser encontrados nos livros, e dentre estes destaco o professor Jaime Furlanetto. Além, é claro, do meu professor orientador, Sérgio Monteiro, que com bastante paciência contribuiu de maneira direta na elaboração deste trabalho. Aos amigos, Vidal, Ianes e Marívia, só vocês sabem o quanto foram essenciais ao longo destes anos de faculdade, e só eu sei o quanto desejo que a conclusão desta etapa não nos impeça de continuarmos esta amizade que eu prezo muito. A vocês, e aos demais que não foram citados, mas que sabem que foram importantes para que eu chegasse até aqui, o meu mais sincero agradecimento.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo principal analisar a estrutura dos campeonatos de futebol e basicamente a situação atual dos campeonatos Brasileiro e Inglês, do ponto de vista econômico abordando o tema através do cálculo do equilíbrio competitivo ano a ano dos campeonatos. Foi utilizado como ferramenta para análise o cálculo do desvio padrão do número de vitórias dos times em cada edição dos campeonatos. Desta maneira, busca-se analisar a evolução do equilíbrio competitivo ao longo dos anos, visando, sobretudo conjecturar acerca do futuro do futebol brasileiro, traçando um paralelo com o caso do futebol inglês, que atualmente é um campeonato com um alto desvio padrão, o que demonstra um grande desequilíbrio entre os times participantes. Dentre os resultados encontrados, foi possível observar que o modelo aberto de ligas, com campeonatos nacionais e continentais, adotado tanto na América do Sul quanto na Europa é incentivador de desequilíbrio para os campeonatos nacionais, conforme foi possível notar no caso do futebol Inglês. Além disso, a análise do caso Inglês indica que tanto a abertura de capital de times de futebol, quanto a Lei Bosman, ajudaram a acelerar o processo de redução do equilíbrio competitivo. Quanto ao futebol brasileiro, apesar de possuir um histórico muito mais reduzido (modelo de pontos corridos inicia-se apenas em 2003), foi possível notar que atualmente o desvio padrão é baixo e apresenta uma pequena tendência de queda, o que não necessariamente representa o movimento de longo prazo, como foi possível observar no extenso histórico do Campeonato Inglês.

Palavras-chave: Futebol. Equilíbrio competitivo. Futebol brasileiro. Futebol inglês.

ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze the structure of the soccer championships as well as the current situation of the Brazilian and English championships, approaching this theme from the economic point of view. We used the standard deviation of the competitive balance for each year of the championships, by calculating the number of successful results from each team. Therefore, we aimed to analyze the evolution of the competitive balance throughout the years and to speculate about the future of the Brazilian soccer, using the English case as an example. The English Premier League is a championship with a high standard deviation, which means this championship is an unbalanced competition, and that is why it was used for comparisons. From the results, it was possible to note that the open leagues model, with national and continental competitions, most commonly used in South America and in Europe leads to a higher competitive unbalance in the national championships, as we could clearly observe in the English leagues. Moreover, while studying the Premier League, we could notice that both the Bosmann Case and the soccer clubs IPO's helped to accelerate the decrease of competitive balance. About the Brazilian case, apart from the fact that we have a short historic to analyze, we could notice that the standard deviation in the Brazilian Championship is still low, and in a short period there is a slight tendency to fall, which does not necessarily mean a long term tendency, as we managed to notice in the English case.

Key-words: Soccer; competitive balance; Brazilian football; English football.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de divisões do Campeonato Brasileiro desde a sua criação	41
Gráfico 2 – Evolução do desvio padrão do número de vitórias do Campeonato Brasileiro	53
Gráfico 3 – Evolução do desvio padrão do Campeonato Inglês (1920 – 1926)	55
Gráfico 4 – Comparativo entre desvios padrão de campeonatos nacionais.....	56
Gráfico 5 – Quantidade de times disputando a primeira divisão do Campeonato Inglês.....	57
Gráfico 6 – Equilíbrio competitivo da primeira divisão do Campeonato Inglês	58
Gráfico 7 – Equilíbrio competitivo da primeira divisão do Campeonato Inglês acrescido de linha de tendência	60
Gráfico 8 – Equilíbrio competitivo do Campeonato Inglês pós 1955	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ECONOMIA DO FUTEBOL	11
2.1 A demanda por futebol.....	13
2.1.1 Presença de público nos estádios	13
2.1.2 Audiência televisiva	17
2.2 O equilíbrio competitivo	18
2.2.1 Ligas fechadas.....	20
2.2.2 Ligas abertas	22
2.2.3 A importância da variável população no equilíbrio competitivo.....	24
2.2.4 Equilíbrio competitivo ex ante e ex post.....	25
2.2.5 Equilíbrio competitivo e as competições paralelas	27
2.2.6 – Equilíbrio competitivo e as competições abertas	29
2.2.7 O caso do futebol inglês	33
3 CAMPEONATOS	35
3.1 Campeonatos estaduais	36
3.2 Copa do Brasil	37
3.3 Campeonato Brasileiro	39
3.4 Copa Sul-Americana.....	44

3.5 Copa Libertadores da América	46
4 UMA ANÁLISE EMPIRICA.....	52
4.1 O caso brasileiro.....	53
4.2 Comparações com o caso inglês.....	54
4.3 O caso inglês	57
4.4 Considerações finais.....	62
5 CONCLUSÃO.....	64
REFERÊNCIAS.....	67

1 INTRODUÇÃO

O futebol representa lazer para uma significativa parcela da população brasileira e o mercado do futebol movimenta pelo mundo, especialmente América do Sul e Europa, grandes quantidades de dinheiro. Dentro dos países, há também uma grande movimentação financeira por conta do comércio de jogadores e mesmo por conta de vendas de direitos de transmissão e de espaços publicitários em estádios e vendas de anúncios em intervalos comerciais na televisão e no rádio.

Além disso, um esporte tão presente na vida de tantos brasileiros, por si só, já justificaria um estudo como esse, pelo simples fato de atingir uma significativa parcela da população.

Diante da popularidade e da importância deste esporte na cultura de nosso país, este estudo pretende analisar do ponto de vista econômico, com enfoque na demanda por futebol e no equilíbrio competitivo, a estrutura sobre a qual estão montadas as ligas de futebol atualmente e avaliar a situação do futebol brasileiro, comparando-a com a realidade de alguns outros países que utilizam estruturas organizacionais de seus campeonatos semelhantes à utilizada no Brasil. Uma vez identificadas algumas ligas semelhantes, pretende-se comparar como se encontra o equilíbrio competitivo nestas ligas e no Brasil. Para tanto será utilizado o cálculo do desvio padrão do número de vitórias de cada time, que nos dá uma idéia mais ampla do nível de equilíbrio do campeonato do que apenas verificar os times campeões, por exemplo. O método da mensuração do equilíbrio competitivo é o mais utilizado entre os autores que escrevem sobre a teoria do futebol, além de possuir um elevado coeficiente de correlação com as demais medidas de sucesso como a posição dos times no campeonato e o número de pontos marcados, de acordo com Szymanski (2001).

Para que se possa atingir os objetivos acima citados, este trabalho se divide em 3 capítulos. O primeiro busca fazer um apanhado das idéias, conceitos e teorias mais aceitas e utilizadas no campo da economia do futebol. É neste capítulo,

também, que são apresentados termos que serão úteis para auxiliar no desenvolvimento e na compreensão das idéias apresentadas no terceiro capítulo.

O segundo capítulo tem como objetivo apresentar ao leitor um quadro de como se organizam as competições disputadas por clubes brasileiros. Partindo dos campeonatos estaduais até os continentais e o seu encadeamento, dando uma idéia do caminho que deve ser trilhado pelos clubes maiores e menores rumo aos seus pretendidos títulos. Esta realidade deve ser bem compreendida para que se possa acompanhar uma das principais conclusões do capítulo seguinte.

Finalmente, no terceiro capítulo é realizada uma análise da realidade atual do futebol brasileiro e compara-se este com alguns outros campeonatos semelhantes. Além disso, neste capítulo utiliza-se o Campeonato Inglês e seus números para se traçar um paralelo com o Campeonato Brasileiro, o que nos fornece alguns *insights* para a conclusão deste capítulo e desta obra.

Assim sendo, a justificativa para estudar a economia do futebol no Brasil se deve tanto a sua importância cultural e financeira no cenário nacional quanto no cenário internacional. O tema que tem crescente importância e vem cada vez mais sendo estudado no exterior, ainda é pouco estudado no Brasil. Na Europa, alguns campeonatos vêm tornando-se extremamente desequilibrados ao longo do tempo, com um ou dois times apenas disparando na liderança e com apenas três ou quatro times se revezando como campeões. Diante desta realidade, analisar o Campeonato Brasileiro, que ainda é mais jovem e menos organizado do que a grande maioria dos campeonatos do Velho Continente se prova importante para que o Campeonato Brasileiro não siga este mesmo caminho, afinal, menor equilíbrio competitivo representa menor bem estar e menor utilidade aos consumidores de futebol, no caso, os torcedores. Além disso, atendendo melhor à demanda do consumidor, os clubes terão condições de lucrar mais, bem como as ligas e os jogadores.

2 ECONOMIA DO FUTEBOL

Apesar de estar presente no dia-a-dia da maioria dos brasileiros e de muitos europeus, o futebol não é tratado pela maioria dos administradores e presidentes de grandes e pequenos clubes como deveria ser (em especial no Brasil). Mais do que paixão, e conhecimento do esporte, muitas das habilidades gerenciais e uma visão econômica em si, se fazem necessárias para gerir um clube de futebol ou uma liga inteira. Aplicar no mundo do futebol, conceitos e teorias desenvolvidas especificamente para a economia, muitas vezes pode ser extremamente proveitoso, especialmente no sentido de melhorar a performance e/ou lucros dos times e das ligas ou mesmo para entender melhor a evolução do esporte.

Assim sendo, quando se trata de Economia do Futebol, e, mais especificamente do Equilíbrio Competitivo no futebol, estaremos entrando em um campo ainda pouco explorado por autores brasileiros e nem tão pouco explorado no Velho Continente. É notável que mesmo no autodenominado País do Futebol não tenhamos mais estudos direcionados para esta área da economia, mas o fato é que, ainda há muito o que se produzir nesta área e algumas distinções acerca deste tema devem ser feitas antes de entrarmos de fato na teoria e no que vem sendo publicado sobre o assunto ao longo das últimas décadas. De acordo com Dobson e Goddard (1998 p.764) “De fundamental importância na análise econômica de esportes coletivos profissionais é a noção de que ligas esportivas diferem de outras indústrias devido à natureza do seu produto”¹, o que pode parecer uma obviedade, dado que todas as indústrias tem suas peculiaridades, na verdade não o é, pois nesta em especial, temos que estar cientes por exemplo que times ditos rivais, na verdade, dependem um do outro. Assim sendo, temos que os diversos times integrantes de uma liga dependem diretamente dos demais para que possam atingir seus objetivos, sejam estes a maximização de lucro ou a maximização de performance. De acordo

¹ Tradução do autor.

com Neale (1964), do ponto de vista da teoria econômica, a unidade tomadora de decisão, a firma, no caso de esportes coletivos como o futebol, na verdade deveria ser vista como a Liga em seu todo, e não como cada time participante desta. Isso ocorre pois os interesses de longo prazo da Liga são maiores do que os simples interesses de curto prazo dos times. Por exemplo, na NFL (National Football League) nos Estados Unidos, alguns mecanismos como o Rookie Draft² são implementados para que o Equilíbrio Competitivo se mantenha ao longo dos anos. Ainda que pareça estranho que os melhores jogadores iniciantes da temporada atual comecem suas carreiras nos últimos times classificados na temporada anterior, este mecanismo é bem aceito pelos participantes da Liga, pois é visto como um meio de manter o EC.

Estudar Economia do Futebol nada mais é do que aplicar termos, conceitos e teorias da ciência econômica ao mundo do futebol, com a vantagem da grande quantidade de dados facilmente adquiridos, geralmente com um histórico bastante extenso disponível, visando analisar o processo, seja este do ponto de vista do time (gerando mais lucros ou melhor performance, dependendo do objetivo do time); da liga (defendendo os interesses de longo prazo desta); do torcedor (melhorando a performance do seu time); do telespectador (melhorando o nível técnico e o equilíbrio dos campeonatos); e até mesmo do ponto de vista das emissoras (que tendo o seu público telespectador satisfeito, terá maiores lucros). Costuma-se iniciar o estudo da Economia do Futebol entendendo a demanda por futebol, o equilíbrio competitivo no futebol, e como este último se relaciona com a demanda. Passaremos pela demanda por futebol e procuraremos nos ater mais às questões referentes ao equilíbrio competitivo e sua relação com a demanda.

² Sistema de contratação de novatos adotado na NFL, onde os times piores colocados na edição anterior do torneio são os primeiros a escolher dentre os jogadores ingressantes na liga no ano seguinte, visando equilibrar a competição.

2.1 A demanda por futebol

Ao tratar da demanda por futebol, temos que já inicialmente dividir esta em duas partes: a presença de público nos estádios e a audiência televisiva. Veremos mais adiante que a questão da presença de público envolve muito mais fatores e se demonstra mais complexa, ao passo que entender as necessidades do público que assiste aos jogos transmitidos pela televisão é bem mais simples. Estas duas parcelas, como veremos a seguir são bastante distintas, mas ambas possuem significativa importância.

2.1.1 Presença de público nos estádios

Pode-se dizer que via de regra, o público que vai ao estádio tende a ser, em sua maioria, o torcedor intitulado fã³, ao passo que o público que assiste aos jogos pela televisão tende a ser, em sua maioria, composto por torcedores não fãs⁴. Tratando, portanto, da presença de público nos estádios, de acordo com Forrest, Simmons e Szymanski (2004), as variáveis que afetam a presença de público são basicamente a população local, a renda, o preço dos ingressos, a rivalidade, o dia do jogo, o tabelamento, o próprio clima, e por fim, a qualidade dos jogadores envolvidos (quantidade e proporção de talento).

Acerca da questão populacional, podemos destacar alguns, dentre diversos estudos realizados, como os de Garcia e Rodriguez (2002) e de Buraimo e Simmons (2006), ambos encontrando uma relação positiva entre o logaritmo da população

³ O termo “fã” está sendo utilizado aqui sem nenhum juízo de valor. Busca-se com este termo apenas distinguir uma parcela dos consumidores de futebol.

⁴ Ressalta-se que um mesmo torcedor, ora pode ser considerado fã (quando assistindo seu time) e ora pode ser considerado não fã (quando assistindo um outro jogo, sem interesse específico em algum resultado).

local e a presença de público em estádios. Sendo que o primeiro trabalho trata da Liga Espanhola, ao passo que o segundo trata da Liga Inglesa.

Analisando a relação entre renda e presença de público nos estádios e mesmo a questão do preço, alguns pontos merecem destaque, em primeiro lugar, há uma clara ligação entre as variáveis, logo, clubes localizados em cidades com maior renda per capita terão uma clara vantagem sobre os menos privilegiados neste quesito, podendo assim cobrar valores mais altos em seus ingressos. Além disso, a fase pela qual o time passa e a importância do jogo acabam por prejudicar a análise, distorcendo os resultados. Isso sem mencionar a questão da endogeneidade, pois ao utilizar o preço dos ingressos para tentar explicar a presença de público nos estádios, se está utilizando uma variável que já é afetada anteriormente pela própria presença de público. Ou seja, para jogo onde se espera uma maior presença de público, os ingressos já tendem a ser mais caros devido às expectativas dos dirigentes dos clubes. Dentre os trabalhos analisados anteriormente, duas posturas diferentes, enquanto Garcia e Rodriguez (2002) utilizam desta variável para as suas análises, chegando a conclusão que é possível aceitar hipóteses de maximização de desempenho e de preço. Por outro lado, Buraimo e Simmons (2006) alegam que a mensuração da variável preço fica bastante complicada se levarmos em conta que quase todos os times possuem mecanismos de discriminação de preços, seja via a localização do assento, seja via sistemas de associação com descontos na aquisição de ingressos. Assim, devido especialmente a essas dificuldades, a maioria dos autores seguem a mesma linha seguida por Buraimo e Simmons, que implicitamente controlam o preço via variáveis de controle.

A questão da renda também representa um ponto ainda bastante obscuro, com autores como Garcia e Rodriguez (2002) encontrando correlação positiva entre renda e presença de público, concluindo, portanto que o futebol não seria um bem inferior, ao passo que Falter e Pérignon (2000) chegam exatamente à conclusão contrária (analisando apenas uma temporada da Liga Francesa).

Certas partidas são diferenciadas das demais pela sua característica de tradição. A rivalidade é um importante fator explicativo para a presença de público

nos estádios e sobre isso não há muitas dúvidas na academia. A maioria dos autores utiliza o fator rivalidade apenas como uma variável dummy e de controle. Para os trabalhos utilizados aqui como exemplo, tanto Garcia e Rodriguez (2002) na Espanha, quanto Buraimo e Simmons (2006) na Inglaterra, encontram significância positiva para a questão da rivalidade.

A data do jogo é fator de bastante importância e essa importância é dada de duas maneiras. Primeiramente o dia da semana em que o jogo ocorre é certamente fator decisivo para a quantidade de público presente no estádio e este fator é encarado em todos os trabalhos analisados apenas como uma variável de controle, tendo os jogos em dias úteis uma demanda menor do que aqueles jogos em finais de semana e feriados. Além do dia da semana, a questão da data reflete também o lado da maturidade da temporada, visto que para o caso brasileiro, por exemplo, jogos disputados mais próximos do final do ano representam uma maior proximidade do final do campeonato, e conseqüentemente podem representar uma maior importância para determinadas partidas. Usualmente este fator é tratado com dummies referentes aos meses do ano, mas também já foi abordado de maneiras diferentes, como uma dummy para o número de semanas transcorridas, ou separando a questão da maturidade das temporadas pelas estações do ano.

A questão climática também foi abordada por Garcia e Rodriguez (2002) que notaram que partidas disputadas em dias de clima mais ameno tendem a atrair mais público aos estádios. Sugerem os autores que, em convergência com a idéia de que há uma maior presença de público em jogos de finais de semana e feriados, quando há um menor custo de oportunidade (aqui representado por não precisar se expor ao mau tempo e ter mais tempo livre) a demanda por futebol é maior.

Por fim, um dos fatores mais importantes quando se analisa a presença de público (e também para análise da audiência televisiva) que é a qualidade das equipes que disputam a partida. Apesar de não se poder contestar a relação direta entre presença de público ou nível de audiência, com a qualidade dos times, a maneira como se mede qualidade ainda é motivo de divergências de opiniões e

metodologias entre os autores. Basicamente, se pode medir a qualidade de duas diferentes formas: a campanha recente do time ou a qualidade *ex-ante* das equipes.

Assim, a campanha recente indica a perspectiva dos torcedores dada a realidade atual do time, a qual pode ser representada pela posição atual do time na classificação do campeonato, metodologia esta, utilizada por Peel e Thomas (1988) e Garcia e Rodriguez (2002), por exemplo. Além da atual classificação dos times envolvidos na partida analisada, outras maneiras de medir a campanha recente foram utilizadas, como Buraimo e Simmons (2006), que utilizaram a média de pontos do clube no campeonato como proxy da qualidade, ou mesmo o trabalho de Garcia e Rodriguez (2002) que também testam o número de vitórias nos últimos três jogos, saldo de gols do último jogo, número de gols marcados como time mandante no último jogo e invencibilidade de quatro jogos do visitante (esta na forma de dummy, e visa analisar a atratividade do adversário). Todas as variáveis descritas neste parágrafo em todos os trabalhos citados encontraram relação positiva, entre a proxy da qualidade e a presença de público nos estádios.

Outro método possível de se utilizar é a questão da qualidade medida *ex-ante*, diferentemente das metodologias citadas no parágrafo anterior, quando se busca medir a qualidade do jogo *ex-ante*, via de regra não se usa resultados deste ou daquele time para medir a qualidade, e sim a Proxy mais comum para qualidade *ex-ante*, que é a folha de pagamentos das equipes. Desta forma, assume-se que o mercado do futebol funciona corretamente, sem grandes distorções, logo jogadores com mais qualidade se destacam mais e são contratados em essência, por times com maior quantidade de recursos financeiros à sua disposição, recebendo portanto, maiores salários. Assim, a qualidade do jogo seria medida pela soma dos talentos individuais, e estes, seriam representados pelo salário de cada atleta. Seguindo este raciocínio, quanto mais alta for a folha salarial dos times, maior será a qualidade do jogo. De acordo com essa linha de raciocínio, encontram-se os trabalhos de Garcia e Rodriguez (2002) e Falter e Perignon (2000), ambos encontrando significância positiva entre a folha salarial e a presença de público. De uma maneira um pouco mais elaborada, Buraimo e Simmons (2006) utilizam a razão entre a folha salarial

completa das equipes e a folha salarial média do campeonato, encontrando, também, significância positiva entre as variáveis.

Com o que foi dito acima, pode-se notar claramente que abordagens muito diferentes visando captar uma mesma variável – qualidade – foram utilizadas, todas encontrando uma relação significativa. Assim sendo, pode-se concluir que definitivamente o fator qualidade é importante quando se trata da demanda por futebol, sendo unanimidade entre os autores, que apenas não dominam ainda com clareza qual seria a melhor proxy para esta variável, chegando inclusive alguns autores a testar várias abordagens diferentes dentro de uma mesma obra, como é o caso de Garcia e Rodriguez, que concluem que não foi possível, com base nos seus resultados indicar esta ou aquela abordagem como sendo a “mais correta”.

2.1.2 Audiência televisiva

Em um universo muito diferente do torcedor que vai aos estádios, temos o telespectador, e via de regra, os motivos que o levam a assistir aos jogos são, em sua essência, o horário e a data do jogo e a qualidade dos jogadores envolvidos. Assim sendo, nota-se que as limitações e as preferências do público que assiste aos jogos pela televisão são muito mais fáceis de serem atendidas, razões estas que possivelmente estão fazendo com que a participação da venda de direitos de transmissão nas receitas totais dos clubes esteja crescendo cada vez mais. Além do mais, enquanto no estádio existe uma limitação, que é a capacidade máxima de público, para a audiência das transmissões de jogos não há um limite máximo estabelecido. Além disso, vale lembrar que o custo de oportunidade de assistir um jogo de dentro de casa, sem ter que se expor ao trânsito, filas, condições climáticas, custos de transporte, violência, etc., é muito menor que o custo de assistir ao jogo de dentro do estádio. Veremos mais adiante que o equilíbrio das equipes envolvidas nas partidas é bastante importante de acordo com a grande maioria dos pesquisadores. Mas isto pode ser intuitivamente deduzido, visto que a grande

maioria dos autores desta área inclui a variável quantidade de talento como sendo fundamental para os torcedores que assistem aos jogos pela televisão, e não fundamental, mas importante, para o público que costuma freqüentar o estádio.

Há de se fazer uma ressalva acerca da audiência televisiva, que é o fato que esta não é composta apenas por torcedores dos times que estão jogando. Há também torcedores de outros times assistindo à partida. E por mais que não tenhamos dados sobre o assunto em nenhuma das referências consultadas, autores conceituados como Stephan Szymanski (2001) estimam que esta parcela de telespectadores que não são torcedores seja, no mínimo, significativa. Fato este que altera a composição de fatores decisivos para a demanda.

Feita esta ressalva, destaca-se que, tanto para os torcedores que freqüentam o estádio, quanto para aqueles que assistem aos jogos a partir de suas casas, o fator que mais os leva a empregar seu tempo nestas atividades é a questão da qualidade. Anteriormente, quando comentamos a qualidade, demos destaque para a maneira como esta é medida, e para o coeficiente positivo que esta tem com a variável presença de público. Mas outro ponto acerca desta mesma qualidade que merece ser destacado é a questão do equilíbrio. Quando falamos de preferências do telespectador, temos que é muito importante não só a quantidade de talento somado das duas equipes que disputam a partida em questão, mas a maneira como este talento se divide, afinal, a maneira como este talento irá se dividir é que nos dará, de um modo geral, a incerteza sobre o resultado. Entraremos em mais detalhes acerca desta questão da incerteza do resultado na próxima seção, onde trataremos do equilíbrio competitivo.

2.2 O equilíbrio competitivo

Até agora falamos sobre o Equilíbrio Competitivo, mas o que de fato seria este equilíbrio? E o que se espera de um campeonato? Mais equilíbrio? Seria o equilíbrio competitivo perfeito o que se deseja em uma grande Liga de futebol?

Essas questões são abordadas por diversos autores e a resposta nem sempre é a mesma para cada um deles. De acordo com Groot (2005), o EC pode ser medido de mais de uma forma, mas a que mais se utiliza é baseada na competitividade jogo-a-jogo, e esta se aplica em campeonatos e o seu resultado é medido através do desvio padrão da média de vitórias de cada time participante do torneio e, obviamente, quanto maior for este desvio padrão, mais desequilibrado este campeonato será. Ainda de acordo com Groot, pode-se medir o EC por outros meios, por exemplo, utilizando o coeficiente de Gini e a razão de concentração. Há ainda um outro caminho que seria medir o EC através dos campeões de cada ano, mas este pode ser um caminho perigoso dado que o campeonato pode ser equilibrado mas um time ganhar vários anos apenas com uma mínima diferença de pontuação ou de saldo de gols.

E quanto ao nível ótimo? Neste ponto o as principais correntes teóricas costumam adotar a visão defendida por Szymanski (2001): o ideal para o bem-estar social não seria o equilíbrio competitivo perfeito, pois os times seriam capazes de atrair diferentes quantidades de torcedores, assim sendo, parte-se do pressuposto que cada torcedor maximiza seu bem-estar quando seu time ganha. No modelo didático de Szymanski temos apenas dois times, 1 e 2, e assim teríamos as utilidades U_1 e U_2 . Além dos torcedores que aqui chamaremos de fãs, temos os não fãs, que são aqueles torcedores que obtém máxima utilidade ao ver um jogo de alta qualidade técnica, bastante equilibrado e conseqüentemente com resultados mais imprevisíveis. Para simplificarmos aqui a análise, teremos U_c como a utilidade dos torcedores não fãs, que será tanto maior quanto mais equilibrado for o campeonato. Podemos dizer portanto que, para Szymanski, a utilidade total será a soma das 3 utilidades acima citadas:

$$U = U_1 + U_2 + U_c$$

Dessa forma, fica claro que, assim como a diferença entre quantidade de torcedores do time 1 para o time 2 irá interferir diretamente no ponto de EC ótimo (EC^*), podemos dizer que a quantidade de torcedores não fãs, também irá interferir: digamos que U_c seja muito maior que $U_1 + U_2$, temos que o ponto de ótimo tenderá

a ser o equilíbrio competitivo perfeito. Via de regra, os pesquisadores tendem a aceitar que o público fã é maior que o público não fã, mas com o crescimento cada vez maior do público telespectador, é possível que esta realidade esteja aos poucos se transformando. Mas, ainda assim, se aceita que o público fã é maior que o não fã e desta forma, o resultado comumente tomado como válido é que o EC* se dá sempre em favor do time de maior torcida, sendo aceito como uma proporção maior de vitórias para o time de maior torcida (maior mercado).

2.2.1 Ligas fechadas

Ao se estudar a economia dos esportes coletivos em geral, uma das grandes diferenciações que devem ser feitas é acerca do modelo das ligas/campeonatos. Estes podem ser abertos ou fechados.

O modelo dito hermético ou fechado é o modelo adotado basicamente nos Estados Unidos e por isso muitas vezes é chamado de modelo Americano. Este modelo é caracterizado por sua rigidez na composição, visto que não há promoção e rebaixamento de times entre campeonatos. As ligas americanas funcionam como uma espécie de monopólio, onde apenas concessões, ou franquias, são concedidas/vendidas a times e estes usufruem da garantia do monopólio na área onde estão localizados. Por consequência da estrutura do modelo, raras são as alterações no quadro de equipes participantes das ligas. Este tipo de liga implica também em uma mudança de paradigma: como já citado anteriormente, Neale (1964) indica que o foco da unidade para os esportes coletivos deve estar na liga, e não nos clubes, e esta é a essência deste modelo organizacional, onde o que se busca é essencialmente o equilíbrio da liga em um alto nível para que a mesma possa se perpetuar e se proteger do surgimento de novas ligas rivais. Ora, estes times são na verdade sócios, fazem parte de uma joint-venture, e produzem bens essencialmente complementares.

No modelo Americano existem algumas peculiaridades, como a possibilidade de um time mudar de cidade, ou mesmo de estado. Estas mudanças são relativamente comuns e até 2010 já foram contabilizadas 56 nas quatro maiores ligas americanas (11 na NFL⁵; 12 na MLB⁶; 12 na NHL⁷; e 21na NBA⁸) sendo que uma nova transferência já está agendada para 2012, quando o New Jersey Nets se mudará para New York e passará a se chamar novamente New York Nets⁹.

Estas transferências tendem a ocorrer quando um mercado deixa de ser atrativo para um clube; quando um novo mercado passa a ser extremamente atrativo; quando a torcida passa a perder o interesse no time; ou ainda quando um clube passa por uma situação financeira complicada e uma melhor oportunidade surge em outra cidade. Estas mudanças devem ser aprovadas previamente pela liga e certamente são muito mais raras e difíceis de serem vistas em modelos abertos, mas acontecem¹⁰.

Tanto se busca este equilíbrio nas ligas americanas que um mecanismo como o Rookie Draft é totalmente bem aceitos pelos integrantes da liga. De acordo com Hoehn e Szymanski (1999), o Rookie Draft é o mecanismo através do qual os últimos colocados do campeonato no ano anterior, são os primeiros a selecionar os jogadores estreados nas ligas. Desta forma, assume-se que os agentes que selecionam os jogadores possuem informações simétricas e estes fazem, portanto a escolha dos melhores jogadores primeiramente, fortalecendo assim os times teoricamente mais fracos e restabelecendo o equilíbrio da liga. Para Hoehn e Szymanski, este é um dos poucos mecanismos de favorecimento do equilíbrio que funciona efetivamente, sem gerar grandes distorções. De acordo com Andreff

⁵ National Football League – futebol americano.

⁶ Major League Baseball - beisebol

⁷ National Hockey League – hóquei.

⁸ National Basketball Association – basquete.

⁹ Novamente, pois em 1977, os Nets eram oficialmente sediados em New York, e apesar de mudarem para outra cidade dentro do mesmo conglomerado, os Nets mudaram drasticamente a sua base de torcedores.

¹⁰ É o caso do Grêmio Prudente, que anteriormente se chamava Grêmio Barueri, e se mudou da cidade de Barueri para a cidade de Presidente Prudente, caso este recente na história do futebol brasileiro (ocorrido em 2010).

(2010), ligas fechadas conseguem regular o mercado de trabalho e a entrada de jogadores por disporem de um poder de monopólio no mercado de trabalho. A primeira regulamentação do mercado de trabalho nas ligas americanas ocorreu em 1879 quando foi introduzida uma cláusula de reserva que proibia qualquer jogador de se transferir de clube sem o aval do seu clube atual. Apenas na década de setenta do século seguinte é que esta cláusula de reserva pôde ser alterada, e que, a partir de então, após um período mínimo pré-determinado atuando nas ligas profissionais é que os atletas passaram a adquirir o status de autônomos, podendo assim negociar contratos e se movimentarem entre os clubes com mais liberdade.

2.2.2 Ligas abertas

O modelo de ligas abertas é naturalmente o oposto do modelo americano e é o modelo mais comum quando se trata de futebol. Consistindo basicamente de “camadas” e campeonatos com diferentes níveis de importância, o modelo Europeu, ou aberto de ligas, funciona com base em um sistema de bônus para os primeiros colocados e ônus para os últimos colocados de cada campeonato. Assim sendo, os campeonatos nacionais tendem a ter de duas a quatro divisões, onde os primeiros colocados de cada divisão são promovidos uma divisão acima, e os últimos são rebaixados uma divisão abaixo. Na divisão mais baixa, normalmente os clubes saem do campeonato e dão lugar para os melhores colocados das ligas amadoras, enquanto que na divisão mais alta, geralmente o prêmio para os primeiros colocados é o acesso a um torneio internacional, disputado com os primeiros colocados de outros campeonatos de outros países do mesmo continente.

Nota-se a natureza hierárquica deste modelo, onde em casos como o Brasil, existem ainda os torneios estaduais, que dão acesso à divisão mais baixa do campeonato nacional, mas que são também, disputados por times grandes, que disputam as divisões superiores do campeonato nacional. Estes torneios estaduais

também são compostos de mais de uma divisão e contam com o mesmo sistema de promoção e rebaixamento, assim como os campeonatos nacionais.

No sistema de ligas abertas, é comum que clubes disputem mais de uma competição simultaneamente, o que não ocorre no modelo de ligas fechadas. Na maioria dos países, paralelo ao campeonato nacional, acontece também uma copa, que geralmente conta com times de várias divisões do campeonato nacional, disputando um mesmo torneio, geralmente com sistema de chaveamento e eliminação em cada etapa. É o caso da Copa do Brasil, ou da FA Cup, na Inglaterra.

De acordo com Andreff (2010), o modelo de promoções e rebaixamentos é o próprio sistema de promoção de equilíbrio no modelo aberto, pois os times mais fracos tendem a descer de divisão, ao passo que os mais fortes tendem a subir de divisão. Além disso, times que estão próximos de serem rebaixados tem um incentivo bastante grande para continuar em busca da vitória, visto que o prejuízo de um rebaixamento pode ser muito grande. O curioso é que o próprio sistema que traz o equilíbrio acaba, segundo o autor, por gerar também desequilíbrio, visto que a renda percebida por clubes que são rebaixados tende a decrescer de quatro a cinco vezes no caso dos campeonatos nacionais europeus, enquanto que clubes que sobem de divisão, dificilmente obtêm um acréscimo de cinco vezes na receita. Clubes classificados para disputar a UEFA Champions League¹¹ tendem a notar um acréscimo de 20 a 40% nas receitas. Estas grandes diferenças em termos de receita nos clubes acabam por gerar mais desequilíbrio, pois maiores receitas levam a contratação de jogadores com mais talento.

Estas diferenças de receita ocorrem basicamente pois clubes que descem de divisão acabam lucrando muito menos com a venda de direitos de transmissão, bem como historicamente o número de sócios destes clubes tende a parar de aumentar nos períodos em que os clubes estão disputando divisões abaixo das que normalmente estão acostumados a disputar, e em alguns casos o número de sócios

¹¹ Torneio continental europeu; o direito de participação na UEFA Champions League é dado como prêmio aos clubes melhores colocados nas primeiras divisões dos campeonatos nacionais europeus.

inclusive decresce consideravelmente. Isto sem contar a queda de receita com venda de camisetas e produtos dos clubes.

2.2.3 A importância da variável população no equilíbrio competitivo

Buraimo, Forrest e Simmons (2005), fazem um estudo sobre a importância do tamanho do mercado (torcida) do clube e a sua influência sobre a variável resultado. Destacamos que em seu trabalho, é feita uma clara diferenciação sobre a importância dessa variável em modelos de liga aberta e fechada. Estes autores encontraram uma grande correlação entre o aumento da população na “área de atuação” do clube, em especial em modelos de ligas fechadas. Destaca-se que, no modelo americano, as ligas concedem franquias por região, e portanto apenas um time, em determinada região poderá participar da liga. Assim sendo, se garante que a população de determinada região tenderá a torcer para aquele time mais próximo. Um aumento da população relativa, em determinada área, sinaliza que o time daquela área deve ter um incremento em sua torcida (ou que aquele mercado pode estar se tornando potencialmente atrativo, caso não tenha nenhum time ainda), e assim sendo, o benefício marginal de mais vitórias será maior, visto que mais aquele time lucrará com venda de produtos, novos sócios e mesmo receita de ingressos. Este estímulo adicional, é que, segundo os autores, conduz o time à contratação de mais talento. No caso de uma liga aberta, novos times poderiam surgir em localizações com aumento considerável de população, absorvendo parte deste efeito. Isto explicaria, por exemplo, a enorme quantidade de times em grandes áreas metropolitanas, como Londres e Manchester, no caso da Liga Inglesa, ou São Paulo e Rio de Janeiro, no caso do Campeonato Brasileiro. Ainda assim, a quantidade de torcedores de um time está sujeita à idade do time, visto que um time que surge em uma determinada localidade com outros clubes já existentes, muito pouco consegue absorver a torcida dos times já instalados anteriormente e, além disso, filhos tendem

a herdar os times dos seus pais. Logo, os times com mais tempo de fundação, tendem a ser os mais beneficiados com o aumento da população local.

Em experimento realizado por Buraimo, Forrest e Simmons no artigo citado acima, analisando os 92 times das quatro divisões do Campeonato Inglês, foi possível notar estatisticamente a melhora na colocação dos times com o passar do tempo com o aumento da população nas áreas próximas às sedes dos clubes. Obviamente esta análise tem significativa importância no estudo do EC no futebol, e o fator população local se faz muito importante nesta análise.

Cabe aqui fazermos uma distinção, pois o fato de a população aumentar e com isso aumentar a renda e a colocação dos times de maior torcida, pode intuitivamente nos levar a concordar com a idéia de que o EC ótimo se dará em favor dos times com maiores torcidas, conforme idéia introduzida anteriormente. Mas é justamente isso que procurávamos destacar anteriormente, o fato de times de maiores torcidas terem mais renda e conseqüentemente melhores plantéis, pode alterar o EC, mas por definição não estará alterando o EC ótimo. Este é um ponto teórico a ser buscado e reflete o maior nível possível de utilidade gerada ao total de torcedores. Sendo assim, pode ser que a torcida maior, de um time com mais tradição, tenha menos simpatia das torcidas dos demais times do que a torcida de um time de menor expressão nacional, que por conseqüência terá menos rivais. Logo, este mecanismo tenderia a trazer o ponto de EC ótimo mais para perto do ponto de EC perfeito do que se tem imaginado.

2.2.4 Equilíbrio competitivo ex ante e ex post

Se falamos do equilíbrio da competição, necessariamente devemos ter uma outra variável que nos indique o que buscamos. É sabido que podemos medir o equilíbrio ex post de um campeonato quando calculamos o desvio padrão das vitórias dos times envolvidos. Mas e quando queremos uma idéia do equilíbrio ex

ante? Apesar de algumas restrições podemos tomar como idéia de equilíbrio entre equipes, a quantidade de talento relativa entre as duas equipes ou entre todas as participantes do campeonato. E como medir o talento? Dado que o mercado de jogadores de futebol tende a funcionar bem, pode-se utilizar com proxy do talento, o salário dos jogadores (aceita-se que os melhores jogadores serão comprados por clubes mais ricos e que portanto, o mecanismo de mercados tende a funcionar bem para a oferta e demanda por jogadores). Assim, o total da folha de pagamentos dos clubes tende a ser uma boa aproximação do total disponível de talento do clube em questão. A questão do talento é bastante interessante, visto que aos torcedores aqui chamados de fãs, podemos dizer que apenas o talento do seu time comparado ao talento dos rivais é que importa ao passo que para os não-fãs pode-se dizer que não apenas o talento deve ser equilibrado entre as equipes como este equilíbrio será preferível com altas quantidades totais de talento de ambos os lados, visto que isso pressupõe um jogo de mais alto nível técnico e tal jogo tende a atrair mais telespectadores.

O equilíbrio entre as equipes reflete, na sua integridade o grau de incerteza acerca do resultado da partida. E o que isso pode dizer sobre a importância dessa variável? Aqui temos um dos campos mais controversos dentre os analisados quando se estuda este tema. Pode-se dizer primeiramente que não é consenso entre os pesquisadores, por exemplo, se uma partida com resultado mais incerto atrai mais ou menos torcedores ao estádio. Observa-se que, na contramão do que o senso comum poderia indicar, Czarnitski e Stadtmann (2002) não chegaram a encontrar significância para as possibilidades de vitória do time local (nem linear, nem quadraticamente), em estudo realizado na Alemanha. Por outro lado, ao menos outros dois estudos realizados foram capazes de encontrar significância para a variável incerteza sobre o resultado com relação à presença de público. Dentre os que encontraram estes resultados há Peel e Thomas(1992) e Forrest e Simmons (2002). Há ainda dois outros métodos que chegaram a ser tratados em estudos para a verificação do grau de incerteza das partidas, sendo um deles a adoção das expectativas dos apostadores e outro a adoção da diferença de posições dos times na tabela de classificação do campeonato. Nenhum destes se

mostrou eficiente visto que sobre o primeiro pode-se dizer que os bookmakers não são confiáveis, visto que estes visam apenas a maximização do seu lucro, e o segundo tem o problema de desprezar o efeito local (times que jogam em casa costumam levar vantagem sobre seus adversários).

Pode-se notar que o equilíbrio competitivo costuma ser buscado em várias esferas, especialmente se observarmos formas de intervenção legais, tanto na Europa quanto no Brasil, onde no primeiro local temos a Lei Bosman, e em território nacional temos a Lei Pelé: ambas agindo no mesmo sentido, visando proteger a equidade da distribuição dos recursos entre os times de seus respectivos campeonatos, e os direitos dos jogadores (regular o mercado de trabalho). De acordo com a maioria das linhas das pesquisas feitas até agora, este tipo de recurso iria contra a lógica, dado que de acordo com a opinião que parece prevalecer sobre este assunto, o EC perfeito não deve ser perseguido, visto que este não tende a ser o ponto de ótimo. Esta visão não é definitiva, e conforme colocamos anteriormente, é possível que EC* esteja mais próximo do EC perfeito do que se imagina, visto o efeito exercido por anti-torcidas, ou por torcidas rivais, o que é mais comum para times de maior expressão, e conseqüentemente com maior número de torcedores. Deixamos aqui este ponto em aberto visto que este não é o foco deste trabalho, mas consideramos válido ao menos refletir sobre o assunto, e dialogar com as teorias mais aceitas.

2.2.5 Equilíbrio competitivo e as competições paralelas

Avançando na questão do equilíbrio competitivo, há um outro ponto que merece ser estudado, que é o funcionamento dos mecanismos que levam ao equilíbrio, ou ao desequilíbrio, em situações onde alguns clubes disputam múltiplas competições, e em especial em casos em que estas competições apresentam diferentes patamares de qualidade. É o caso, por exemplo, dos campeonatos estaduais e do Campeonato Brasileiro, ou ainda, o caso do Campeonato Brasileiro e

da Copa Libertadores da América, como falamos anteriormente. Mas o que acontece quando um clube que disputa um campeonato local equilibrado passa a disputar em paralelo um campeonato de mais alto nível, ou ainda, que goze de uma maior popularidade, e conseqüentemente remunere melhor as equipes participantes? É melhor e mais justo que os clubes desfrutem de uma mobilidade entre as divisões do certame nacional?

Sobre essa freqüente mobilidade dos clubes entre divisões e mais, sobre ocasionais rebaixamentos de times ditos grandes, Hoehn e Szymanski (1999) destacam dois problemas inerentes ao próprio mecanismo:

- 1) Em geral, clubes pequenos que são promovidos para a primeira divisão, tendem a ser rebaixados novamente no ano seguinte, apenas contribuindo para um menor equilíbrio competitivo no ano que estão na primeira divisão;
- 2) Grande parte dos grandes times que caem para a segunda divisão, tendem a voltar facilmente para a primeira no ano seguinte, e o resultado disso é apenas uma perda de receita por parte desses times e uma menor receita para os outros clubes da liga, visto que se o time que foi rebaixado era um ícone do futebol daquele país, o campeonato nacional perde, de certa forma, importância naquele ano.

Em competições paralelas, o equilíbrio competitivo tende a se dar a nível da competição mais importante, visto que é para aquela que os clubes se preparam melhor, e é nestas que as receitas são maiores. Mas como competições deste tipo costumam ter três tipos de participantes, que são em primeiro lugar aqueles que dificilmente ficam de fora da competição ano após ano; aqueles que ocasionalmente freqüentam a competição e aqueles que muito raramente participam do torneio. Ora, se um time participa todos os anos de um torneio que é aquele que mais gera receita para os clubes participantes e outro participa apenas ocasionalmente, temos já dentro do próprio torneio uma disparidade de receitas com o passar dos anos.

Fora isso, dentro do campeonato nacional acontece a mesma coisa, porém neste temos times que costumam estar nas primeiras colocações todos os anos (aqueles que disputam frequentemente o torneio internacional); aqueles que costumam ficar na metade da tabela e portanto costumam participar do campeonato nacional sempre na primeira divisão mas dificilmente participam do torneio continental e por fim temos os times que ficam alternando entre as divisões, contribuindo para a desigualdade do EC, ora desequilibrando para cima, ora desequilibrando para baixo. Para efeito de comparação, é válido analisarmos o equilíbrio competitivo nas competições fechadas.

2.2.6 – Equilíbrio competitivo e as competições abertas

Thomas Hoehn e Stefan Szymanski buscaram em um artigo denominado *The Americanization of European Football* (1999) apresentar um modelo viável de uma superliga Européia, pois esta, os autores acreditam, seria a saída mais viável para o futebol Europeu. Isso porque, por exemplo, times grandes tendem a ter uma grande preferência por partidas contra times grandes, pois estas partidas acabam trazendo mais receita aos clubes, o que os ajuda independentemente se são maximizadores de lucro ou de performance. Jogos de times grandes contra times pequenos, além de atrair menor público ao estádio, geram menos receitas de transmissão televisiva, porém com riscos de lesões e suspensões iguais ao de outras grandes partidas. Nota-se aí que o custo de oportunidade de uma partida contra um grande time ou contra um pequeno deve ser o mesmo, porém com resultados (receitas) totalmente adversos.

No modelo de liga proposto por Szymanski e Hoehn, o acesso seria restrito, como uma liga fechada americana, visto que um sistema de promoção e rebaixamento traz consigo dois tipos de problemas inerentes ao mecanismo de promoção e rebaixamento, como vimos na seção anterior.

Desta forma, a Superliga seguiria a linha de torneios herméticos, e dessa forma poderia adotar medidas que de acordo com os autores podem funcionar muito bem se forem concebidas com a finalidade correta: aumentar o equilíbrio competitivo. Como seria o caso do Rookie Draft e da imposição de limites salariais, que são utilizados nas ligas americanas e são de impossível aplicação em um modelo de ligas abertas.

A proposta vai além, e sugere um modelo de conferências, bastante similar ao modelo norte-americano da NBA, onde os times competem em uma primeira fase contra os times participantes da liga, mas com sede mais próxima, para que se aproveite o fator da rivalidade histórica e local, pois, segundo os autores, times como o Manchester United não vão querer abrir mão de disputar jogos contra rivais locais históricos, como o Chelsea, o Arsenal, o Manchester City, entre outros. Além destes confrontos contra times locais, existiriam alguns confrontos na primeira fase contra times de outras conferências, e na segunda etapa, apenas dois ou três times de cada conferência passariam adiante para uma fase de playoffs ou de mata-mata.

O modelo hierárquico europeu atual bate de frente com esta idéia de uma Euroliga, pois no modelo atual, os times não se vêm como sócios e sim como oponentes, ou trazendo para a linguagem econômica, os clubes no modelo Europeu tendem a se ver como produtores de bens perfeitamente substitutos, de modo que estes devem sempre superar seus adversários enquanto que no modelo fechado os clubes tendem a se enxergar como produtores de bens complementares e, portanto, um certo nível de equilíbrio competitivo e partidas de alto nível é o que sempre se busca. Apesar de o senso comum sugerir que clubes vistos como sócios tendem a relaxar e não buscar o melhor resultado dentro de campo, a MLB, a NFL e a NBA estão aí para provar que isso não é verdade, e vem há anos proporcionando aos Norte-americanos campeonatos equilibrados e de altíssimo nível.

Há dois princípios básicos para análises do equilíbrio competitivo em geral e nestes pressupostos é que toda a argumentação que segue estará embasada:

- Primeiro: para todos os clubes: Mais gastos com salários levam à melhor performance. O que é bastante racional visto que assim como em qualquer outro mercado, um profissional que se destaca da média tende a ser mais procurado e em função disso tende a ser melhor avaliado e a avaliação destes profissionais se dá em forma de salário.

- Segundo: para todos os clubes: melhor performance leva a um maior lucro. Este pressuposto parece contradizer as afirmações anteriores sobre a busca pelo equilíbrio competitivo mas isto não é o que ocorre. Pois uma melhor performance não deveria levar o clube a um desequilíbrio e portanto o que se procura não seria mais o EC? Na verdade isso não é necessariamente uma máxima visto que o que se pode estar procurando é, sim, a melhor performance da liga toda, e não de apenas um clube. Pois a melhor performance tende a atrair mais público ao Estádio mas não somente à ele e sim também levar a uma maior audiência televisiva, que cada vez mais cresce em importância quando se analisa esportes em geral.

Com base nos pressupostos acima, Hoehn e Szymanski nos levam a um ponto de vista da seguinte ordem: times que participam do modelo Europeu nas principais ligas (UEFA Champions League), a medida que estas ganham importância, tendem a aumentar o seu investimento em talento, pois têm uma maior receita disponível, isso de forma semelhante para todos os times que participam deste campeonato “superior”. Assim sendo, os times menores de competições nacionais são deixados para trás, visto que não conseguem acompanhar o nível de talento dos ditos times “grandes”. Isso nos leva à uma espiral em que cada vez mais a competição nacional se torna desequilibrada e portanto cada vez mais esta perde a sua importância para os times grandes, que investem cada vez mais em talento para se prepararem para o campeonato internacional. O que nos leva à seguinte conclusão: quanto mais o EC é buscado, mais rápido a competição nacional perde importância e equilíbrio.

Portanto, de acordo com estes autores, o futuro do futebol Europeu passa por uma reestruturação (que já vem sendo discutida e proposta desde 1988, voltou à tona em 1998, um ano antes da publicação do artigo, e permaneceu um pouco

tímida desde então, porém nunca é abandonada) e que a Superliga Européia num estilo fechado como o da MLB, NBA ou NFL seria o ponto de equilíbrio ótimo para o futebol europeu. Para que se mantenha o EC nesta competição, os autores abominam a idéia de divisão de receitas, pois estas, diferentemente do que pode parecer à primeira vista, levam a uma redução do EC. Isto acontece porque, a partir do momento que se divide a maior parte das receitas, os administradores perdem o interesse em realizar incrementos no nível de talento de seus times. Por exemplo: o administrador de um time estará disposto a fazer uma grande contratação, que levará mais público ao seu estádio, sabendo que esta receita adicional proveniente das bilheteiras e talvez dos direitos de transmissão vai ser dividida com todos os demais clubes da liga? Medidas intervencionistas que parecem mais adequadas mas que só são possíveis em um modelo fechado são o Rookie Draft e os limites salariais (estes com algumas ressalvas, mas que não abordaremos neste trabalho por fugir demasiadamente do tema proposto), que aparentemente promovem um maior EC sem gerar grandes distorções.

Pode-se dizer que é surpreendente o quanto o assunto “Euroliga” permanece atual. Ainda hoje em dia é possível encontrar notícias de que os grandes clubes Europeus articulam a criação de uma Superliga. Ora pois, não é difícil notar que caso houvesse mais confrontos entre Milan e Barcelona, Manchester United e Real Madrid, por exemplo, ao longo do ano, estes clubes tenderiam a ampliar as suas receitas. O mesmo é válido para os demais grandes clubes. Assim sendo, faz sentido pensar em um equilíbrio gerado por esta reforma onde haveria um grande campeonato, praticamente fechado para novos participantes, mas que não mais interferiria nos campeonatos nacionais, pois os times participantes da Euroliga, disputariam apenas este campeonato. O tema é tão atual que cabe ser discutido para a América Latina e em especial o caso do Brasil. Não é possível que cheguemos a um ponto onde sempre os mesmo clubes vão disputar a Copa Libertadores? São Paulo, no Brasil e Boca Juniors na Argentina ficaram de fora de quantas Libertadores nos últimos 10 ou 15 anos? Que outros times tendem a entrar para esta lista? Não estaremos nós, também, entrando em uma espiral de difícil retorno?

2.2.7 O caso do futebol inglês

Ao encontro da idéia de desequilíbrio e atratividade, Szymanski (2001) desenvolveu um trabalho bastante interessante. A sua idéia consiste no seguinte: desde 1977 e até 1998, a diferença de renda percebida pelos clubes ingleses cresceu muito e isto nos leva a um maior desequilíbrio competitivo. Mas o autor afirma que na Inglaterra, este desequilíbrio é muito mais fácil de ser percebido quando analisamos a situação de um ponto de vista inter-divisional do que intra-divisional, e assim sendo a Premier League não está tão mais desequilibrada com o passar dos anos do que está a FA Cup (onde a Premier League é semelhante ao Campeonato Brasileiro e a FA Cup é semelhante à Copa do Brasil), que por sua vez aglutina os times de todas as divisões da Liga Inglesa. Assim, para que se possa fazer uma boa comparação, o autor selecionou os jogos entre times de mesma divisão da Liga, mas disputados na FA Cup, ao longo destes 22 anos, chegando a um total de aproximadamente mil jogos para o período. É válido lembrar que neste estudo, o autor assume que ao longo do período estudado houve um aumento considerável do desequilíbrio na FA Cup, mas o EC se manteve estável dentro das divisões da Liga Inglesa. Com este experimento, Szymanski foi capaz de demonstrar que com o passar dos anos e o aumento deste desequilíbrio na Copa, analisando inclusive os mesmos jogos de mesmos times na Copa e na Liga, o público relativo na Copa foi decrescendo de maneira bastante notável em relação ao público presente no estádio em partidas válidas pela Liga. Para se ter uma idéia, de acordo com os dados do estudo de Szymanski, na primeira década analisada, ou seja, entre 1977 e 1987, o público que comparecia ao estádio era em média 43% maior em partidas da Copa em comparação às mesmas partidas da Liga. Na segunda década esta diferença cai para cerca de 25% e nos últimos anos analisados (período no qual a desigualdade de renda inter-divisional teria se acentuado) a preferência do público por partidas da Copa é praticamente imperceptível, tendo as partidas da Liga uma presença de público praticamente igual às partidas da Copa.

Em sua conclusão, o autor nos traz alguns testes adicionais que foram feitos para descartar algumas hipóteses como a diferença de preço relativo dos ingressos das duas competições ao longo do tempo. Porém todos os testes se mostraram compatíveis com a conclusão de que realmente um maior equilíbrio competitivo do campeonato faz com que exista uma maior presença de público no estádio. Com isso cabe aqui fazer um adendo de que mesmo aquela parcela da torcida a que chamamos de fanática, tem uma preferência por partidas de mais alto nível, e mesmo mais equilibradas, onde há presente um maior nível de incerteza sobre o resultado final. Dessa forma se pode dizer que também o público que assiste aos jogos na televisão e portanto muitas vezes nem é torcedor de um dos times que está em campo, ou não é dito fã, ao menos, tem preferência por jogos mais equilibrados e assim sendo o equilíbrio competitivo cumpre importante papel na geração de utilidade e de bem-estar aos consumidores de futebol.

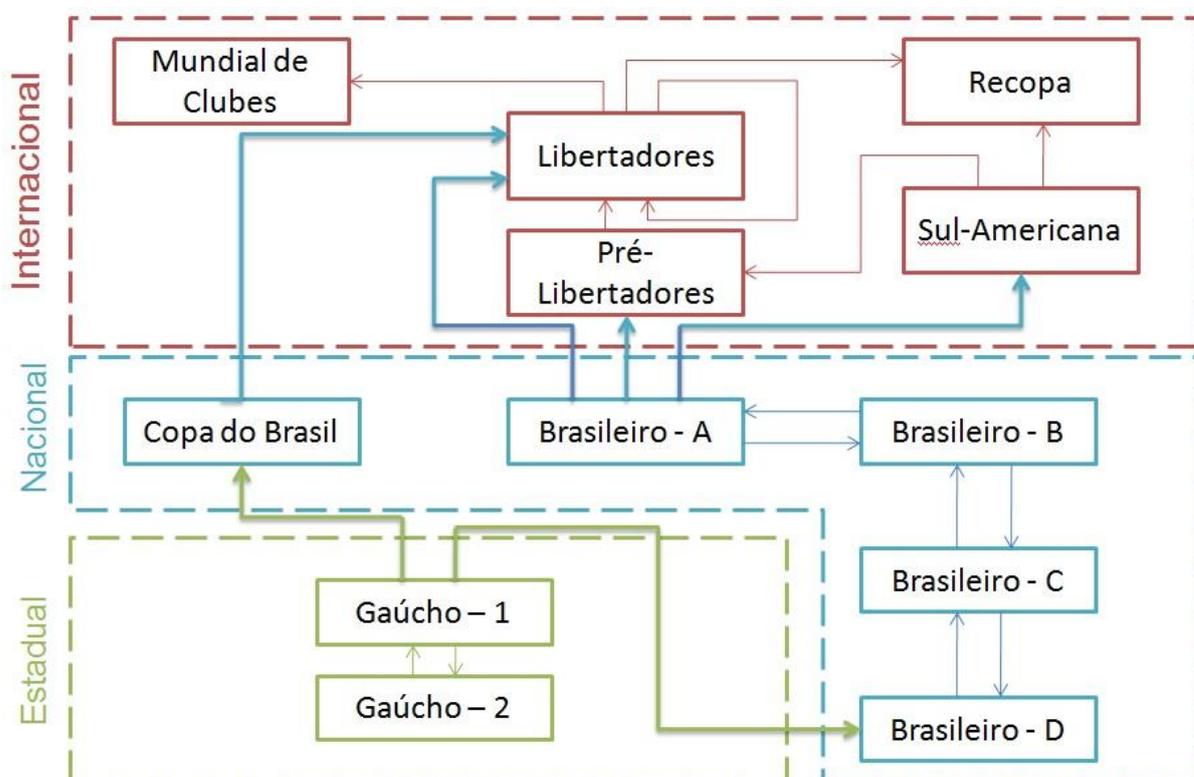
3 CAMPEONATOS

Com o que vimos em termos de teoria até aqui, acerca de demanda pelo futebol e equilíbrio competitivo, temos condições de analisar o Campeonato Brasileiro, e o faremos no terceiro capítulo, mas, para que possamos discutir e analisar o caso brasileiro, teremos que esclarecer alguns fatos sobre o calendário futebolístico brasileiro, sobre a natureza do Campeonato Brasileiro, dos campeonatos regionais, da Copa do Brasil, da Copa Sul-Americana e da Copa Libertadores. Melhor conhecendo as competições que os times brasileiros disputam, poderemos analisar com mais propriedade os dados obtidos e teremos condições de tirar conclusões mais plausíveis, do que se simplesmente observássemos os resultados. Como o objetivo deste trabalho é analisar o desequilíbrio que competições internacionais causam nas competições nacionais, daremos um maior destaque à principal competição internacional americana e ao Campeonato Brasileiro, sendo este o nosso principal torneio de caráter nacional.

Nas próximas seções, teremos uma visão geral das competições que os times brasileiros disputam regularmente. Estas podem ser divididas em um primeiro momento em competições locais, ou estaduais, nacionais, e internacionais. Todas estas possuem entre si uma espécie de encadeamento, que fica claro ao analisarmos a figura 1. Este encadeamento e o sistema de promoção e rebaixamento adotado, bem como o sistema de premiações com vagas em outros torneios são elementos típicos de ligas abertas, conforme apresentamos no capítulo anterior. Assim sendo, todos os estados possuem seus torneios regionais, sendo que estes dão acesso às divisões mais baixas do Campeonato Brasileiro, bem como dão direito à participação na Copa do Brasil. Sendo estes dois, como os próprios nomes sugerem, torneios disputados em nível nacional. Ambos os torneios nacionais citados, por sua vez, premiam seus melhores colocados com vagas em competições internacionais, sendo que a Copa do Brasil premia o seu vencedor com uma vaga na Copa Libertadores, e o Campeonato Brasileiro oferece aos seus melhores colocados, vagas tanto para a Copa Libertadores, quanto para a Copa

Sulamericana, sendo ambas competições de nível internacional, disputadas basicamente pelos países da América do Sul. Segue a figura 1 que representa o encadeamento das competições disputadas pelos times brasileiros, e em específico pelos times gaúchos, e que contribuirá para um melhor entendimento do restante deste terceiro capítulo.

Figura 1 – Encadeamento dos campeonatos estaduais, nacionais e internacionais: exemplo do caso gaúcho



Fonte: Elaboração do autor.

3.1 Campeonatos estaduais

Os campeonatos estaduais no Brasil são bastante flexíveis em questão de formato da competição, qualidade das equipes participantes e equilíbrio entre as

mesmas. A maioria dos campeonatos estaduais conta com duas ou três divisões e estes campeonatos são normalmente utilizados para a preparação dos times grandes para o campeonato nacional, em especial quando estes times não estão participando da Copa Libertadores, que tem sua fase inicial disputada concomitantemente com os campeonatos estaduais, e times que disputam o torneio continental tendem a poupar seus jogadores titulares nos jogos de campeonatos estaduais neste período.

Além de servir para a preparação dos times grandes para os campeonatos maiores, os estaduais são também a única oportunidade de times menores disputarem competições que não são amadoras. Para os times menores melhores colocados nos campeonatos estaduais, estes servem também como forma de acesso à série D do Campeonato Brasileiro e para aqueles maiores, que já disputam o mesmo nas séries A, B ou C, o campeonato estadual é a porta de entrada para a Copa do Brasil.

Sobre os campeonatos estaduais, cabe destacar que por manter maior quantidade de clubes nas séries A e B do Campeonato Brasileiro, diz-se que o Paulistão, ou o campeonato estadual do Estado de São Paulo é o mais equilibrado dentre os estaduais brasileiros. Por esta razão, e por a sede das principais emissoras de televisão brasileiras estarem localizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, estes campeonatos tendem a ser os únicos que são televisionados ao país inteiro, enquanto que outros estaduais costumam ser transmitidos apenas para os respectivos estados.

3.2 Copa do Brasil

Seguindo o modelo mais comum na Europa, o Brasil adota o sistema de dois campeonatos nacionais com estruturas distintas. A Copa do Brasil adota o modelo

de mata-mata¹² característico de torneios que carregam o nome “copa”. Na Inglaterra, temos a FA Cup, já citada no primeiro capítulo, na Itália é disputada a Coppa Italia, enquanto na Espanha temos a Copa Del Rey e na Alemanha a DFB-Pokal, entre outros. Pode-se notar que o sistema de copas faz parte do modelo mais comum de organização de campeonatos nacionais nos países com mais tradição, com um campeonato que normalmente é de pontos corridos e outro onde normalmente temos mata-mata desde o início, seguindo um sistema de chaveamento.

Torneios que seguem a linha de mata-mata em âmbito nacional tendem a ser menos equilibrados do que torneios de pontos corridos, visto que a quantidade de times é maior (64 na Copa do Brasil contra 20 no Campeonato Brasileiro), o que implica em uma maior dificuldade para se manter uma homogeneidade entre as equipes. A Copa do Brasil, e as demais copas citadas anteriormente tendem a ser vistas como o segundo título nacional mais importante, perdendo sempre para o campeonato de pontos corridos.

Desde o ano de 2001, os times classificados para disputar a Copa Libertadores não disputam a Copa do Brasil devido à coincidência de datas. Esta alteração veio para readequar o calendário do futebol nacional e causa uma situação no mínimo curiosa: dado que o campeão da Copa do Brasil ganha direito a uma vaga na Copa Libertadores, desde 2001 o campeão da Copa do Brasil não disputa este campeonato no ano seguinte. Diz-se que a Copa do Brasil é o caminho mais curto para a Libertadores, pois tendo em vista que 64 times disputam em chaves de dois, com jogos de ida e volta com cada time tendo o mando de campo uma vez, temos apenas 32 classificados para a segunda fase, 16 para a terceira e assim por diante. Dessa forma, são 12 jogos para que um time seja declarado Campeão do Brasil (o campeão do campeonato de pontos corridos costuma ser chamado de Campeão Brasileiro). Desde 1995, outra mudança foi aplicada no regulamento da

¹² Expressão com origem na expressão inglesa Knock-Out, utilizada basicamente para designar partidas ou chaveamentos onde dois times se enfrentam e apenas um destes segue para a próxima fase do torneio. É bastante comum os times disputarem dois jogos, alternando o mando de campo, e aquele com o melhor resultado agregado segue adiante no torneio.

copa para as duas primeiras rodadas, para reduzir a quantidade de jogos desnecessários e gastos com viagens dos times, se o time visitante vencesse por três ou mais gols de diferença (desde 1996 esta diferença foi alterada para o mínimo de dois gols, apenas), é eliminado o jogo de volta, sendo o visitante vencedor já classificado para a fase seguinte. Assim, um time pode ser coroado Campeão do Brasil após 10 partidas (caso vença as duas primeiras como visitante por dois ou mais gols de diferença). Obviamente este é um caminho mais curto do que o acesso via Campeonato Brasileiro, onde são necessários 38 jogos. Além disso, visto que geralmente os times mais fortes do Brasil no ano anterior estão disputando a Libertadores, a Copa do Brasil tende a ser mais fácil, pois nos primeiros jogos os times maiores costumam jogar contra times sem muita expressão no futebol nacional, assim sendo, serão apenas 6 ou 8 jogos contra times mais conhecidos, para que um grande time se sagre campeão.

Por ter este formato mais dinâmico, o “momento” do time é bastante importante para a conquista da Copa do Brasil, e esta, por vezes tem como campeão um time que não goza de muita tradição no futebol nacional, como o Criciúma em 1991, o Juventude em 1999, o Santo André em 2004 e o Paulista em 2005. Além disso, apenas Grêmio (89, 94 e 97), Cruzeiro (2000 e 2003), Corinthians (95), Criciúma (91) e Flamengo (90) foram campeões invictos deste torneio até hoje. Os maiores campeões são Grêmio e Cruzeiro, com quatro taças cada um.

3.3 Campeonato Brasileiro

Mais importante e de maior expressão que a Copa do Brasil, é o Campeonato Brasileiro, também chamado apenas de Brasileirão. Principal competição brasileira, o Brasileirão atualmente é dividido em quatro níveis, conhecidos como a primeira divisão (Série A), segunda divisão (Série B), terceira divisão (Série C) e quarta divisão, ou divisão de acesso (Série D), criada em 2009.

Atualmente o Campeonato Brasileiro conta com 20 times participando das primeiras três divisões, e 40 times participando da divisão de acesso, mas nem sempre o Brasileiro funcionou desta forma. Aliás o principal campeonato nacional é caracterizado por uma grande quantidade de formatos diferentes, bem como um grande número de intervenções e mudanças nos regulamentos desde o ano de 1971, quando com o nome de Campeonato Nacional de Clubes, foi disputada a primeira versão do que foi aceito como Campeonato Brasileiro.

Nosso campeonato nacional já foi chamado, além de Campeonato Nacional de Clubes, de Copa Brasil, Taça de Ouro, Copa União, Copa João Havelange e Campeonato Brasileiro. A quantidade de times participando da primeira divisão do torneio teve seu recorde em 2000, quando por estar sofrendo um processo judicial, a CBF¹³ ficou incapacitada de organizar o Campeonato Brasileiro, então o Clube dos 13¹⁴ organizou apenas uma divisão aglutinando as três divisões do ano anterior. Posteriormente este campeonato foi reconhecido pela CBF como a edição oficial do Campeonato Brasileiro de 2000. Atualmente apenas 20 times participam da primeira divisão, como foi dito anteriormente, e este número foi fruto de uma redução gradativa que ocorreu a partir de 2004, quando 24 clubes participaram da primeira divisão. Naquele ano, 4 times foram rebaixados para a segunda divisão e apenas dois times foram promovidos. Assim, apenas 22 times disputaram a Série A do ano seguinte. Em 2005 o processo foi repetido e portanto, desde 2006 apenas 20 times disputam a primeira divisão, com anualmente 4 times sendo rebaixados para a Série B e 4 sendo promovidos à Série A.

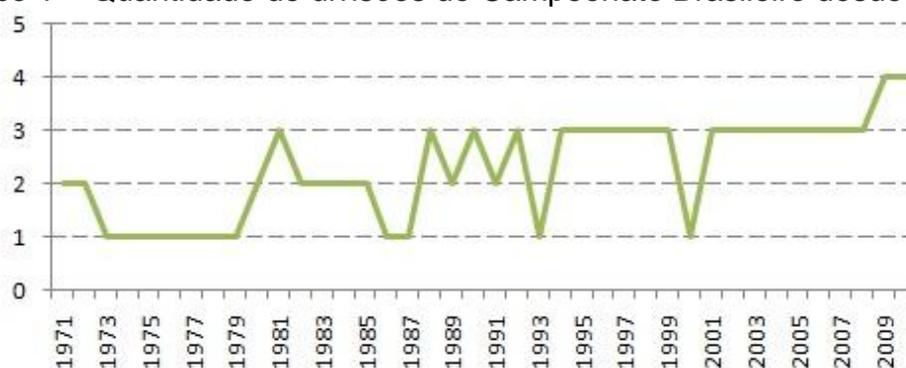
Como se pode ver no gráfico a seguir, a quantidade de divisões variou bastante desde a criação, mas o futebol brasileiro parece estar amadurecendo nos últimos anos. A manutenção do mesmo formato de competição desde 2003, bem como a inclusão de uma nova divisão em 2009 e o enxugamento da quantidade de

¹³ Confederação Brasileira de Futebol – Entidade máxima do futebol brasileiro.

¹⁴ União dos Grandes Clubes do Futebol Brasileiro, que oficialmente iniciou representando apenas 13 times, hoje representa 20 dos maiores clubes brasileiros.

times participando de cada divisão são provas da organização e do amadurecimento do futebol nacional.

Gráfico 1 – Quantidade de divisões do Campeonato Brasileiro desde a sua criação



Fonte dos dados brutos: The Rec.Sports.Soccer Statistics Foundation.

Destaca-se a importância do enxugamento dos times participantes de cada divisão pois obviamente um campeonato com menos times participantes tem mais chances de ser homogêneo e mais equilibrado, devido ao limitado número de grandes clubes no Brasil. Mais times disputando, portanto, a primeira divisão implica em times mais fracos entrando para esta lista, tornando assim o certame menos equilibrado e menos atrativo ao público, conforme vimos no primeiro capítulo. Neste sentido, a criação de uma quarta divisão parece fazer sentido, apesar disto só ser possível em um sistema ao estilo europeu de campeonatos abertos, modelo este que pretendemos analisar no próximo capítulo, e que, desconfia-se, seja um modelo que tende a gerar desequilíbrio.

Nem todos os países utilizam sistemas como o brasileiro, de campeonato e copa, e a questão dos campeonatos estaduais é uma invenção brasileira quando se trata de futebol. Por ser um país de grandes dimensões geográficas, o Brasil teve que manter um modelo de campeonatos regionais, para que pequenos clubes de menor expressão tivessem calendário para cumprir, visto que para clubes pequenos e com orçamentos bastantes modestos, viagens por todo o território brasileiro se fariam inviáveis. Países como a Argentina, México, Uruguai, Paraguai, Chile, entre outros, em especial na América Latina, desenvolveram um sistema de campeonato

nacional segmentado em duas etapas, onde na maioria dos países, dois times sagram-se campeões a cada ano. Uma das etapas é chamada de Apertura e a outra recebe o nome de Clausura e em alguns destes países, os vencedores dos dois torneios se enfrentam, para apenas um destes se sagrar campeão nacional, é o caso do Uruguai e da Venezuela, por exemplo.

Ao longo das 39 edições já finalizadas do Campeonato Brasileiro, 17 times sagraram-se campeões, sendo que na edição de 1987 um time é reconhecido pela CBF (Sport) e outro time é considerado o campeão pelo Clube dos 13, pelo Conselho Arbitral e pelo Conselho Nacional de Desportos(Flamengo). Devido a este impasse, considera-se que no ano de 1987 dois clubes foram Campeões Brasileiros, mas apenas o Sport, destes dois, disputou a Copa Libertadores da América, no ano seguinte. Desta forma temos como os maiores vencedores de campeonatos brasileiros, São Paulo e Flamengo, com seis títulos cada (considerando o título de 87 como válido para o Flamengo), seguidos por Corinthians Palmeiras e Vasco, com quatro títulos cada um.

O Campeonato Brasileiro, como dito anteriormente, já teve inúmeros formatos e composições diferentes, mas desde 2003 vem seguindo um modelo constante, que passou apenas por pequenos ajustes até chegarmos no modelo atual, como a redução de 24 para 20 times na primeira divisão e a criação da quarta divisão.

Com sua primeira divisão sendo disputada por 20 times, o Brasileirão possui um sistema de recompensas para os melhores colocados desta chamada Série A, que é basicamente, além do título de Campeão Brasileiro, vagas para os primeiros 4 colocados disputarem a Libertadores da América¹⁵, sendo que o quarto entraria em uma fase denominada pré-Libertadores e os três primeiros entrariam direto na fase de grupos. Além de vagas para a Libertadores, o Brasileiro oferece também para o quinto até o décimo segundo colocado, vagas para a disputa da Copa Sul-

¹⁵ Atualmente a CBF e a Conmebol estão em um impasse, pois historicamente o time campeão da Libertadores do ano anterior teria direito a uma vaga extra no mesmo campeonato no ano seguinte, porém recentemente a Conmebol decidiu que esta vaga para o campeão deveria sair das vagas já reservadas para o país de origem daquele time. Assim sendo há hoje uma dúvida acerca das quantidades de vagas que o Campeonato Brasileiro premiará seus melhores colocados.

Americana, que vem a ser o segundo torneio mais importante da América do Sul. Por fim, os últimos quatro colocados da Série A, portanto, do décimo sétimo ao vigésimo, são rebaixados para a Série B, trocando de lugar com os quatro melhores colocados desta divisão inferior.

O formato da competição é basicamente que todos os times se enfrentam duas vezes, em turno e retorno, com mando de campo sendo revezado de modo que cada time jogue uma vez em seu estádio e uma vez no estádio do adversário até o final da competição. O time que estiver melhor colocado ao final dos seus 38 jogos é declarado o campeão.

A Série B goza do mesmo formato que a Série A, diferenciando apenas a questão das premiações, visto que nesta divisão não são oferecidas vagas para torneios internacionais, apenas a promoção para a primeira divisão para os quatro melhores colocados e o rebaixamento dos quatro últimos para a terceira divisão.

A Série C também oferece quatro promoções para a série B, e quatro rebaixamentos para a série D, porém o formato da competição é diverso do formato das Séries A e B. Na série C, os 20 times participantes são separados em 4 grupos de 5 times que se enfrentam em turno e retorno e no final dos enfrentamentos os dois melhores classificados de cada grupo passam para a segunda fase e o último colocado de cada grupo é rebaixado de divisão. A partir da segunda fase o campeonato assume formato similar ao da Copa do Brasil, como mata-mata em jogos de ida e volta. No final, os primeiros 4 times, ou seja, aqueles que chegarem até as semi-finais, estarão promovidos para a Série B.

A Série D possui um regulamento diferente das Séries A, B e C, por se tratar de uma divisão de acesso, logicamente o processo de renovação dos times disputantes se dá de forma mais dinâmica. Assim sendo, para um time estar apto a participar da quarta divisão do Campeonato Brasileiro, este deve ser o melhor colocado em seu estado, uma vez excluídos todos os times participantes das séries A, B e C do Brasileirão. Além disso, os segundos melhores colocados das primeiras nove federações, de acordo com o Ranking Nacional das Federações, excluídos os

times participantes das séries A, B e C daquele ano. Fora estes, os quatro clubes rebaixados da Série C do ano anterior, também participam da Série D. Na primeira fase, os quarenta clubes participantes da quarta divisão são divididos em 10 grupos de quatro times (respeitando critérios de proximidade geográfica para reduzir despesas com viagens), onde todos se enfrentam no sistema de turno e retorno e ao final dos jogos os dois melhores de cada grupo passam para a fase seguinte. A partir da segunda fase, os times se enfrentam no tradicional sistema de mata-mata, de forma semelhante à Série C, e no final, os quatro melhores classificados são promovidos para a terceira divisão do Campeonato Brasileiro, completando o ciclo, substituindo os 4 clubes rebaixados da Série C. Não existe rebaixamento da quarta divisão pois todos os clubes podem ser renovados ano a ano, devido ao sistema de classificação por ranking estadual.

3.4 Copa Sul-Americana

Em termos de importância, a Copa Sul-Americana vem a ser para a América do Sul, aproximadamente o que é a Copa do Brasil para o Brasil, apesar de no caso dos torneios internacionais, ambos terem o formato de copa, diferentemente do caso brasileiro. Sendo o segundo torneio em termos de importância no continente, a Copa Sul-Americana não costuma contar com os melhores times da América do Sul, visto que estes estão disputando a Copa Libertadores. Apesar de seu calendário não coincidir com o calendário da Libertadores, alguns países optam por não ceder a vaga da Sul-Americana para os mesmos times que receberam vaga para a Copa Libertadores, assim como se viu no critério de distribuição de vagas do Campeonato Brasileiro. As vagas da copa Sul-Americana são distribuídas entre os países da seguinte forma: Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela recebem 3 vagas cada um, Argentina recebe 6 vagas e o Brasil recebe 8. Há ainda, na edição de 2010 uma vaga para a equipe campeã da competição no ano de 2009.

Com um total de 39 equipes participando do torneio, o funcionamento do mesmo se dá da seguinte forma: na primeira fase, apenas 8 times jogam entre si em jogo de ida e volta no formato mata-mata. Estas equipes são as segundas e terceiras colocadas de cada país, exceto Argentina e Brasil. Na segunda fase, no mesmo formato de jogos de ida e volta com eliminação de um dos times, são 16 jogos, sendo que nesta segunda fase equipes Brasileiras jogam entre si, passando apenas 4 das 8 para a terceira fase. O mesmo acontece com as equipes argentinas, as quais passarão apenas 3 das seis que ingressaram no torneio. As demais equipes classificadas em primeiro lugar fazem jogam contra as equipes classificadas na primeira fase. O time vencedor do ano anterior é automaticamente classificado para a terceira fase, que já representa as oitavas de final. Das oitavas em diante o torneio segue a formatação normal de torneios de eliminação em duas partidas.

Duas novidades se fizeram presentes na edição de 2010 da Copa Sul-Americana. A primeira é o aumento do número de equipes participantes no torneio. Este aumento se deu apenas para os países com menos vagas, que aumentaram sua quantidade de vagas de duas para três, por país. Brasil e Argentina não tiveram alterações no seu quadro. Em virtude deste aumento de vagas, a primeira fase passou a ser disputada apenas pelos segundos e terceiros colocados dos países que ganharam novas vagas. A Competição iniciava anteriormente no que seria hoje a segunda fase. A outra novidade foi o acréscimo na premiação do campeão da Sul-Americana com uma vaga para a Copa Libertadores da América. Esta mudança, como foi comentado anteriormente teve grande reflexo no Campeonato Brasileiro na edição de 2010, visto que esta vaga gerada para o campeão da Sul-Americana não foi uma nova vaga e sim apenas uma redistribuição das vagas já existentes. Assim, caso o time campeão da Sul-Americana seja um time brasileiro, o Campeonato Brasileiro terá uma vaga a menos para distribuir a seus participantes, de modo que apenas os três primeiros colocados serão premiados. Caso qualquer clube de outro país venha a se sagrar campeão da Copa Sul-Americana, nada se alterará na distribuição de vagas à Libertadores da parte do Campeonato Brasileiro 2010.

A Copa Sul-Americana teve início em 2002 e veio praticamente em reposição à Copa Conmebol, que foi o torneio disputado de 1992 a 1999 (ano que a Conmebol optou por ampliar o número de vagas da Copa Libertadores). Contando as 8 edições já concluídas da Copa Sul Americana apenas o Boca Juniors da Argentina já venceu duas vezes a competição (2004 e 2005). O Brasil conta apenas um título (Internacional em 2008) e um vice-campeonato (Fluminense em 2009). A Argentina possui outros dois títulos (2002 e 2007), totalizando 4 conquistas das 8 edições já completadas. Outros países que já tiveram seus times campeões deste torneio foram o Peru (2003), o México¹⁶ (2006) e o Equador (2009).

3.5 Copa Libertadores da América

Batizada como uma forma de homenagear os libertadores da história da América do Sul, e objetivo constante de todos os grandes clubes brasileiros e sul-americanos, a Copa Libertadores da América representa o mais importante e mais tradicional campeonato de futebol disputado nas Américas. Com sua primeira edição disputada em 1960, o torneio já conta com 51 edições completas e tem como o clube mais vencedor o Independiente da Argentina, com 7 títulos, incluindo um tetracampeonato entre os anos de 1972 e 1975. O Clube brasileiro mais vencedor desta competição é o São Paulo, com 3 conquistas seguido por Cruzeiro, Grêmio, Internacional e Santos cada um destes com dois títulos. Além destes, outros três times brasileiros já se sagraram campeões da América: Palmeiras, Flamengo e Vasco da Gama.

Em sua primeira edição, vencida pelo Peñarol, do Uruguai, a Libertadores tinha uma estrutura que prestigiava cada país participante do quadro da Conmebol com apenas uma vaga, sendo esta destinada ao campeão nacional de cada país.

¹⁶ O Pachuca Club de Fútbol, do México foi o primeiro time da Concacaf a conquistar um título como visitante em outra confederação (Conmebol).

Assim sendo, em sua primeira edição, apenas 7 times, disputavam este torneio¹⁷. Já na sua quinta edição, a Conmebol convidou também os vice-campeões de cada país para disputarem o torneio, de modo que 20 clubes e o atual campeão passaram a brigar pelo título. A quantidade de times permaneceu inalterada até 1999, quando a Conmebol reformulou a composição de times participantes, e a formatação da competição. A partir do ano 2000, portanto, 32 times passaram a disputar o torneio.

Ainda após o ano 2000, uma pequena alteração foi feita, pois foram oferecidas novas vagas para equalizar o número de vagas de todos os países participantes exceto Brasil e Argentina. De acordo com a atual formatação, portanto, todos os países membros da Conmebol, acrescentado o México, recebem 3 vagas cada. Brasil e Argentina, por sua maior expressão no futebol e por sua maior quantidade de times existentes, ficam com 5 vagas cada. Além destas, uma vaga adicional sempre foi presenteada para o clube atualmente campeão da Libertadores. A Libertadores sempre teve a tradição de privilegiar o acesso do seu atual campeão, tanto é verdade que desde seu início, até 1987, o campeão do ano anterior era classificado automaticamente para as semi-finais, o reflexo desta medida foi que em todo este período eram muito mais comuns times vencerem dois ou mesmo três campeonatos em sequência. Após 1987 e até 1999, os times campeões passaram a entrar na competição sempre após a etapa de grupos, o que, excetuando-se o ano de 1988, representava entrar direto nas oitavas de final. Dentre as mudanças ocorridas no ano 2000, está mais uma vez a alteração deste privilégio, uma vez que desde aquele ano, o atual campeão entra já na fase de grupos. A Conmebol sinalizou durante o ano de 2010 que para o campeonato de 2011, a vaga do time campeão deverá ser cedida do número total de vagas do país de origem daquele clube, pois a nova vaga adicional será repassada para o Campeão da Copa Sul-Americana, medida esta que aparentemente visou aumentar os incentivos aos times participantes desta copa.

¹⁷ Dentre os países que não participaram da Libertadores daquele ano estiveram Equador e Peru (que participariam a partir de 1961) Venezuela (que só passou a participar do torneio a partir de 1964).

O modelo de torneio adotado pela Conmebol para a Copa Libertadores consiste basicamente em três fases distintas:

1) a primeira, ou chamada de pré-Libertadores consiste em uma espécie de repescagem das vagas da fase de grupos. Assim, 12 os piores classificados (de acordo com o sistema de vagas que classifica times que ficam em terceiro ou quarto lugar do Campeonato Brasileiro, por exemplo) duelam entre si em um sistema de mata-mata;

2) os seis times que passaram da primeira fase juntam-se aos demais 26 clubes para a etapa de sorteio de grupos. Nesta etapa, os 32 times serão divididos em 8 grupos com 4 integrantes cada; Dentro de cada grupo, todos os times jogam contra todos, em jogos de ida e volta com mandos de campo alternados. Ao final dos seis jogos de cada time os dois que tiverem o melhor aproveitamento de pontos seguem para a terceira fase;

3) a terceira fase inicia-se nas oitavas de finais com o chaveamento onde os times são divididos entre aqueles que se classificaram em primeiro em seus grupos e aqueles que se classificaram em segundo. Dentro destas divisões é feito um ranking, de acordo com os critérios usuais de desempate, como pontuação, número de vitórias e saldo de gols. Assim, o melhor primeiro colocado da segunda fase enfrenta o pior segundo colocado; o segundo melhor primeiro enfrenta o segundo pior segundo; e assim sucessivamente. Os times disputam duas partidas, sendo a primeira disputada no campo do segundo colocado e a partida decisiva sendo disputada no campo do primeiro colocado¹⁸. Os times que avançam se enfrentam nas quartas-de-final, se avançarem novamente disputam as semi-finais e por fim as finais. Durante toda a terceira fase o critério para decisão da ordem dos locais dos jogos é a tabela com os aproveitamentos da fase de grupos. A única questão do regulamento que se altera durante a terceira fase, ou fase de mata-mata é o fato que

¹⁸ No futebol, como na maioria dos esportes, o fator local é bastante representativo, de modo que a vantagem de decidir o confronto no seu estádio costuma ser um objetivo buscado pelos times durante a fase de grupos do campeonato.

das oitavas até as semi-finais, há o benefício do gol qualificado¹⁹ e nas finais não existe este critério de desempate.

Conhecendo o modelo de disputa da Copa Libertadores da América, um importante fator que vale ser citado é a questão da forte rivalidade existente entre os clubes e mesmo entre os países que disputam este campeonato. Muitas vezes esta rivalidade chega a ser inclusive levada para dentro de campo, onde não raras são as discussões e mesmo não poucas foram as brigas ao longo destas 51 edições. Fato este que era muito mais notável nas primeiras 3 ou 4 décadas de disputa mas que segue ainda presente no espírito da competição. Pouquíssimas foram – se é que existiu alguma – as edições da Libertadores onde não houveram brigas dentro de campo. Este excesso de violência vem junto com a enorme pressão a que são submetidos os jogadores que disputam este torneio, pressão que vem não só da torcida como da direção e da comissão técnica dos clubes. Por este excesso de violência e pela falta de segurança (muitas invasões a campo) é que nas edições de 1966, 1967 e 1970, o Brasil não enviou representantes ao torneio, sobe exatamente a alegação da excessiva violência e mesmo a complacência por parte dos árbitros.

Em termos de títulos por país, a vantagem claramente é da Argentina, que possui 22 contra apenas 14 do Brasil, seguidos por Uruguai (8), Paraguai (3), Colômbia (2), e Chile e Equador (1). Países que possuem times disputando, mas que jamais venceram a Copa Libertadores são o Peru, o México, a Bolívia e a Venezuela. Curioso é destacar que apesar de possui muito menos títulos que a Argentina, o Brasil se fez presente em 29, das 51 finais já disputadas, contra apenas uma a mais: 30, dos nossos vizinhos. Assim, uma estatística interessante a ser observada é o aproveitamento em finais, por país. É gritante a vantagem argentina neste quesito, 73,3% contra apenas 48,3% do Brasil.

¹⁹ O gol qualificado, também chamado de “gol fora de casa” é um mecanismo de desempate utilizado em confrontos eliminatórios de ida e volta quando, após os dois jogos, os dois times possuem o mesmo número de gols marcados. Assim, aquele que tiver marcado mais tentos fora do seu estádio, analisando-se apenas os dois jogos, recebe o benefício do gol qualificado, avançando para a próxima fase.

Dando mais um passo em direção aos times brasileiros, podemos destacar aqui a quantidade de participações por clube, onde temos em primeiro lugar o São Paulo, com 15 participações²⁰; logo após, em segundo lugar no número de participações está o Palmeiras, com 14, seguido por Grêmio (12), Cruzeiro (11), Santos (10), Flamengo (9) e Corinthians e Internacional (8). É interessante analisar o equilíbrio do futebol brasileiro ao analisarmos estes números e compararmos, por exemplo, com os clubes recordistas de participações na Libertadores, como por exemplo o Peñarol e o Nacional, ambos do Uruguai e com 38 e 37 participações, respectivamente. Ou por exemplo com o Olímpia e o Cerro Porteño, do Paraguai, que aparecem com 35 e 33 participações, cada. O São Paulo (clube brasileiro com maior número de participações) não figura nem perto da lista dos top 10, que tem empatados na décima posição o Boca Juniors (ARG), o Universidad Católica (CHI) e o El Nacional (EQU) com 22 participações cada.

Fazendo uma análise semelhante, a título de curiosidade, mas analisando a distribuição dos times participantes por Estado, notaremos que como o senso comum tende a indicar, os 4 estados mais representativos são, obviamente, São Paulo (com 55 participações, por 8 clubes), Rio de Janeiro (23 participações, 5 clubes), Rio Grande do Sul (21 participações, 3 clubes) e Minas Gerais (15 participações, 2 clubes). Outros estados já que já enviaram seus clubes para representar o Brasil na Libertadores foram Paraná, Bahia, Pernambuco, Goiás, Santa Catarina e Pará. Esta divisão nos dá uma ideia bastante interessante acerca da regionalização do futebol brasileiro. Surpreendente é notar que apesar do maior número de times e mesmo população muito maior, o Rio Grande do Sul encontra-se bem próximo do Rio de Janeiro em número de participações e podemos analisar ainda, para completar, a distribuição de títulos por região, e notaremos que apenas estas 4 regiões possuem títulos, sendo 6 de São Paulo, 4 do Rio Grande do Sul, 2 do Rio de Janeiro e 2 de Minas Gerais, totalizando assim os 14 campeonatos conquistados por brasileiros.

²⁰ A título de curiosidade, o São Paulo disputou todas as últimas edições, desde 2004.

Além da glória de se consagrar Campeão das Américas e da premiação em dinheiro que o campeão leva para casa, a Copa Libertadores dá também ao seu campeão o direito de disputar o Mundial de Clubes, competição esta que é disputada regularmente desde 2005, entre os clubes vencedores de seus torneios continentais. Na prática, o Mundial de Clubes é uma continuação da Copa Intercontinental, que ocorreu com este nome desde 1981 até 2004, mas que sem ter este nome formal já ocorria desde a primeira Libertadores da História. A essência da Copa Intercontinental ou do Mundial de Clubes são os dois grandes times que disputam o título de melhor time de futebol do planeta, naquele ano. Assim, as duas confederações mais fortes do mundo (Conmebol, da América do Sul e UEFA, da Europa) vem disputando ao longo das últimas cinco décadas este título, como um resultado surpreendentemente equilibrado. Ao todo são 49 títulos disputados (incluindo uma edição especial no ano de 2000 e eliminando os anos 1975 e 1978 em que o embate não foi realizado) são 24 vitórias para os Sul-Americanos e 25 para os Europeus.

4 UMA ANÁLISE EMPIRICA

Conhecendo a estrutura e o encadeamento do futebol no Brasil, pode-se traçar alguns paralelos com outros países e assim pode-se montar uma base para comparar os números de outros campeonatos com os números do Campeonato Brasileiro, por exemplo. Em primeiro lugar, sabemos que o sistema adotado no Brasileirão é o sistema difundido na Europa, que é diferente do sistema mais encontrado na América Latina. Assim, um campeonato de pontos corridos, com todos os times se enfrentando em turno e retorno, alternando o mando de campo e com promoções e rebaixamentos é o que encontraremos nos países europeus onde o futebol possui significativa importância. É o caso, por exemplo, da Inglaterra, Itália, Espanha, Alemanha, França, Portugal, entre outros. O modelo adotado no Brasil possui 20 times na sua primeira divisão (vamos nos ater apenas à primeira divisão destes campeonatos, justamente pela maior importância e qualidade apresentada pelas mesmas) e dentre os países citados acima, os que também possuem 20 times nas suas primeiras divisões são a Espanha, a França, a Inglaterra e a Itália. A primeira divisão alemã, conta atualmente com apenas 17 times e a portuguesa com apenas 16. Logo, evitaremos comparações com estas duas ligas, pois estas poderiam nos levar a conclusões falaciosas.

Ao iniciarmos uma análise mais aprofundada, devemos já ressaltar logo de início que o Campeonato Brasileiro ainda é bastante jovem, se comparado, por exemplo, com o futebol inglês onde campeonatos em nível nacional já eram organizados desde 1888. No Brasil, Campeonatos neste formato, como conhecemos hoje se iniciaram quase um século mais tarde, apenas em 1971, como visto no segundo capítulo. Assim, é natural que tenhamos ainda muito o que amadurecer. O fato de ainda sermos jovens nesta questão de campeonatos nacionais reduzirá drasticamente a amostra disponível. Observa-se que, conforme já ponderado no capítulo anterior, o Campeonato Brasileiro só passou a ser disputado neste modelo a partir de 2003 e a conturbada história recente do Brasileirão (especialmente da década de 1990 até 2002) e suas constantes transformações nos impedem de

analisarmos resultados deste período. Mesmo após 2002 algumas ressalvas ainda devem ser feitas, visto que nos anos de 2003 e 2004 a primeira divisão contou com 24 clubes , em 2005 eram 22 clubes e apenas a partir de 2006 é que somente 20 clubes passaram a formar a elite do futebol brasileiro. Assim, a nossa amostra dentro de um mesmo formato se reduz a quatro edições, sendo estas as de 2006 a 2009, pois o campeonato de 2010 ainda está em andamento.

4.1 O caso brasileiro

Para iniciarmos a análise do caso brasileiro, utilizaremos da abordagem que, de acordo com Groot (2005), é a mais utilizada, que é calcular o desvio padrão do número de vitórias de cada time dentro do campeonato, ano a ano. Assim, com a amostra que temos de apenas sete anos, calculando os desvios-padrão e plotando em um gráfico, teremos o seguinte resultado:

Gráfico 2 – Evolução do desvio padrão do número de vitórias do Campeonato Brasileiro



Fonte dos dados brutos: The Rec.Sports.Soccer Statistics Foundation.

Conforme o Gráfico 2, podemos observar que nas primeiras duas edições tivemos um campeonato mais desequilibrado, mas isto encontra clara explicação, pois nos anos de 2003 e 2004 tivemos 24 times disputando esta primeira divisão, logo, temos oito jogos a mais para cada time, e assim sendo, o naturalmente esperado é um desvio padrão mais elevado se comparado com os anos seguintes. Além disto, é válido observar que é muito mais difícil um campeonato com maior número de equipes participantes ser equilibrado, visto que é mais difícil encontrar 24 equipes igualmente competitivas.

Pode-se dizer que o ano de 2005 representa um ponto fora da curva esperada, dado que neste ano temos um campeonato com 22 equipes participantes e um desvio padrão menor do que o dos anos subsequentes que contam com apenas 20 times. Logo, por algum motivo específico, o Campeonato Brasileiro de 2005 foi mais equilibrado do que seria esperado. Os quatro anos seguintes, sim, apontam para uma tendência de redução do valor do desvio padrão, também diferente do que se esperava encontrar, de acordo com a teoria até então aceita.

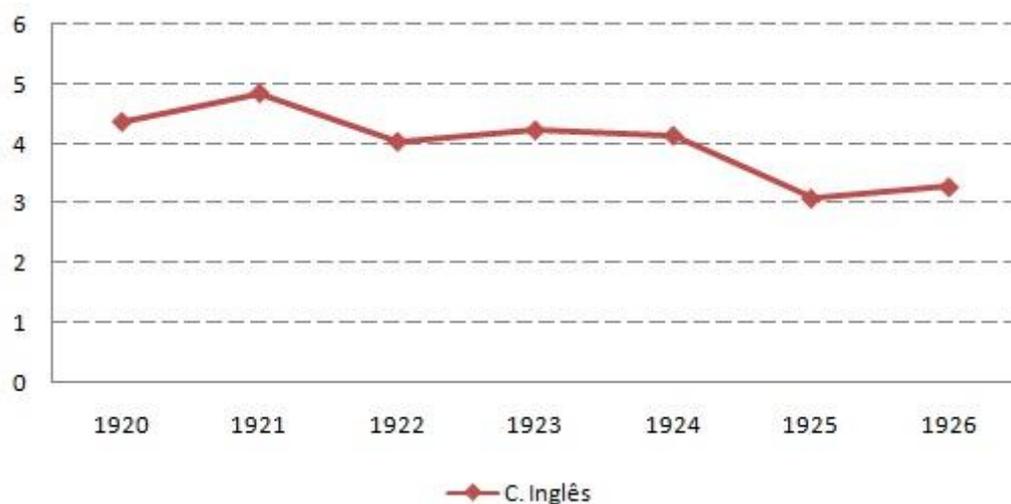
Ora, este resultado que vai na direção contrária do que se espera, ainda não pode ser tomado como absoluto visto que, como comentamos anteriormente, a nossa amostra é muito reduzida. Assim, é válido que se continue a monitorar estes valores ao longo dos próximos anos para que se possa de fato constatar a confirmação ou não desta tendência no longo prazo.

4.2 Comparações com o caso inglês

Como fazer então para estabelecer uma comparação com outros campeonatos de outros países? Pode-se pensar de duas maneiras distintas, como por exemplo, analisar uma outra competição quando esta ainda estava em uma fase inicial, como o Campeonato Inglês na década de 1920. Se estamos utilizando da trigésima da terceira até a trigésima nona edições do Campeonato Brasileiro, seria

interessante analisarmos a Liga Inglesa quando esta tinha a mesma “idade”. O resultado encontra-se no Gráfico 3, a seguir:

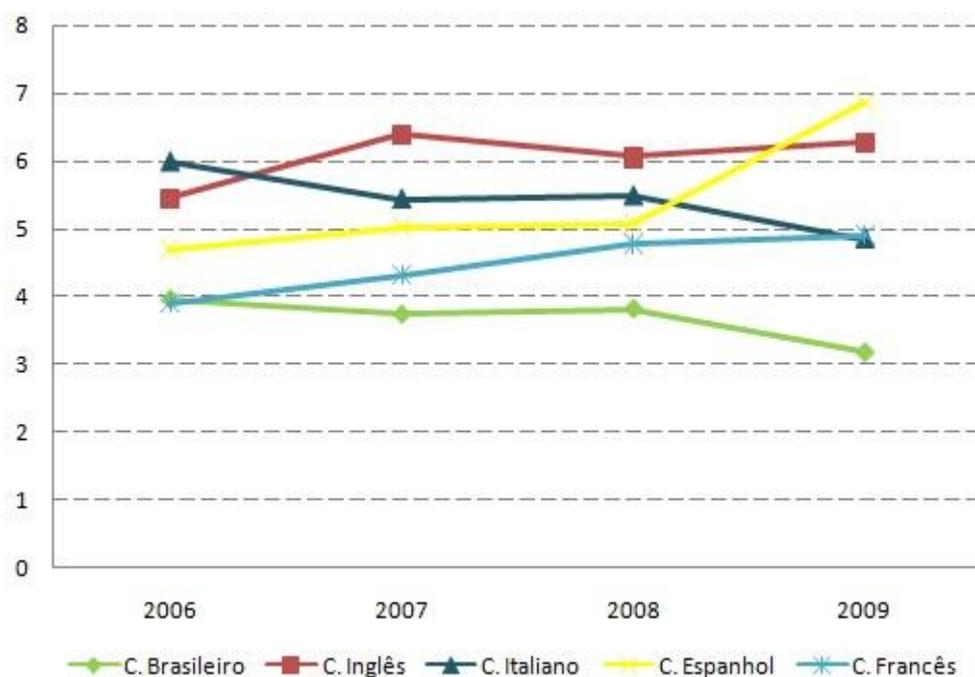
Gráfico 3 – Evolução do desvio padrão do Campeonato Inglês (1920 – 1926)



Fonte dos dados brutos: The Rec.Sports.Soccer Statistics Foundation.

De acordo com esta análise, a o Campeonato Inglês passou por uma situação semelhante com a que vive hoje o nosso futebol, inclusive com valores de desvio padrão muito próximos daqueles encontrados atualmente no futebol Brasileiro. Cabe aqui observar que, no período retratado no Gráfico 3, o Campeonato Inglês era disputado por 24 times, exatamente como nos dois primeiros anos retratados no Gráfico 1, para o caso brasileiro. Temos, portanto, valores que se assemelham. E como estaria hoje o desvio padrão da Liga Inglesa, quando comparado com o de 1920, e mesmo comparado com o de outras ligas atualmente? Podemos analisar o Gráfico 4, que nos traz estas respostas, a seguir:

Gráfico 4 – Comparativo entre desvios padrão de campeonatos nacionais



Fonte dos dados brutos: The Rec.Sports.Soccer Statistics Foundation

Ao analisarmos o gráfico 4, poderemos reconhecer que hoje, os campeonatos dos países analisados estão em patamares facilmente identificáveis e destacamos a posição do Brasil, como campeonato mais equilibrado dentre os analisados. Com uma tendência claramente ascendente do Campeonato Inglês (apesar da amostra reduzida), podemos reparar que apesar de um corte na quantidade de times disputando a primeira divisão, o patamar atual de desequilíbrio é bem mais alto do que o patamar encontrado na década de 20, quando a Liga Inglesa tinha a idade que tem hoje o Campeonato Brasileiro.

Outro ponto que merece ser destacado é que apesar do resultado médio dos desvios padrão dos últimos quatro anos do Campeonato Italiano ser menor do que o do Campeonato Inglês, um mesmo time venceu as quatro últimas edições da primeira divisão italiana. O que vem a confirmar a observação de Groot (2005) já citada no primeiro capítulo de que analisar o equilíbrio competitivo de um campeonato observando apenas os seus campeões pode nos levar a conclusões equivocadas. O campeonato Inglês, por sua vez, teve três títulos, dos últimos quatro

para o Manchester United e um para o Chelsea. Mesma proporção, aliás, da mesma amostra para o Campeonato Brasileiro, que teve, São Paulo com três e Flamengo com um título.

4.3 O caso inglês

Analisar o campeonato inglês, aliás, pode ser de grande valor, visto que este centenário campeonato funciona desde a sua criação, em 1888, com um sistema de pontos corridos, semelhante ao sistema adotado atualmente no Brasil. Isso nos permite analisar uma série temporal mais extensa, que talvez nos ajude a perceber algumas tendências, ou mesmo, talvez nos explique como o futebol inglês chegou ao que é hoje, tendo o mais alto desvio padrão dentre os campeonatos analisados neste estudo.

Para iniciar esta análise, observemos o gráfico a seguir, indicando a quantidade de times presentes na primeira divisão do campeonato Inglês desde a sua criação:

Gráfico 5 – Quantidade de times disputando a primeira divisão do Campeonato Inglês

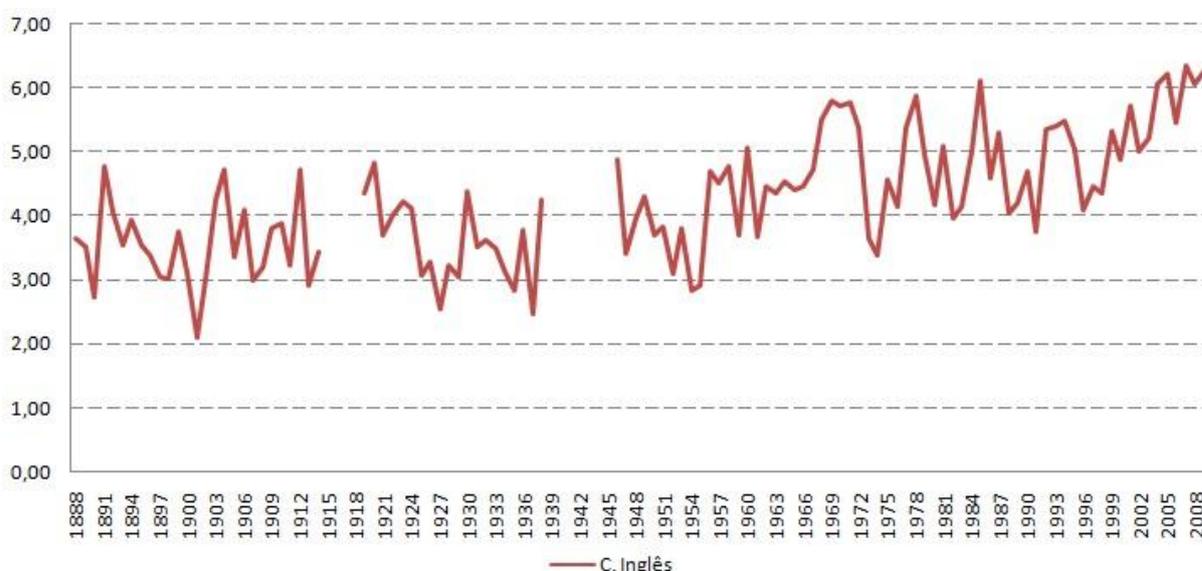


Fonte dos dados brutos: The Rec.Sports.Soccer Statistics Foundation.

É útil ter presente a noção da alteração da quantidade de times disputando o campeonato, pois estas alterações contribuem para as alterações do desvio padrão, no gráfico a seguir. Sobre o gráfico acima, destacam-se os períodos de descontinuidade do gráfico, causados pela interrupção das competições esportivas em geral, especialmente na Europa, causadas pelas duas guerras mundiais. E sobre a dinâmica das alterações das quantidades de times participantes, destaca-se o longo período entre 1919 e 1988, disputado com 22 times na primeira divisão e a oscilação que ocorreu logo após este longo período, com alguns testes com 20, 21, 22 e 24 times, prevalecendo o sistema com 20 equipes disputando a Premier League, como ocorre até os dias de hoje.

A seguir, o gráfico com a evolução da variável desvio padrão do número de vitórias dos times que disputam a primeira divisão do Campeonato Inglês. Como já destacado anteriormente, esta variável é uma proxy do equilíbrio competitivo de cada edição do campeonato desde a sua criação.

Gráfico 6 – Equilíbrio competitivo da primeira divisão do Campeonato Inglês



Fonte dos dados Brutos: The Rec.Sports.Soccer Statistics Foundation.

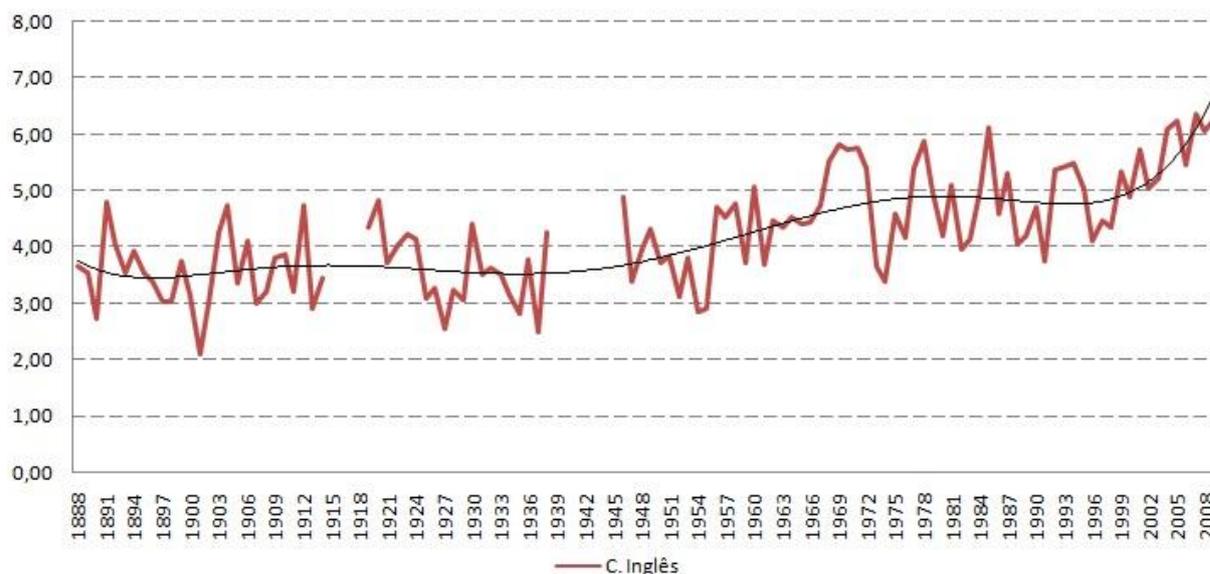
De acordo com o gráfico a acima, nota-se que, apesar de variar bastante, ano a ano, há uma tendência clara de elevação nas últimas edições, em especial se

observarmos o período posterior a 1996. Durante este período há uma clara tendência de elevação da variável desvio padrão, tendo o valor mínimo de 4,10 atingido no ano de 1996. O ano com o maior desvio padrão de toda a série foi 2007, quando o valor atingido foi de 6,36. Aliás, como pode ser notado no Gráfico 6, a variável atingiu valores superiores a 6 apenas em seis edições, das 111 já disputadas, sendo que cinco destas, foram nos últimos seis anos. Observa-se que apenas um ano antes do início desta longa e consistente tendência de alta é que entra em vigor a Lei Bosman, que altera a circulação de jogadores pela Europa, não mais impondo um número máximo de jogadores estrangeiros europeus em um time, bem como eliminando a questão do passe dos jogadores. Desta forma, clubes com maior poder aquisitivo se viram capazes de formar verdadeiras seleções europeias, acrescidas ainda de alguns poucos, mas muito talentosos jogadores sul-americanos e africanos.

Outro ponto interessante que merece ser destacado é o ano de 1985, que teve o desvio padrão 6,12. Neste ano, após ser campeão da UEFA Champions League no ano de 1984, o Liverpool perdeu na final, para a Juventus, pelo placar de 1x0. Mas o que entrou para a história foi o desastre que ficou conhecido como O Desastre do Estadio Heysel, onde 39 torcedores morreram e outros 600 ficaram feridos após um muro que separava as torcidas ceder e os torcedores ingleses avançarem para cima dos torcedores italianos. Além dos feridos, dos falecidos e do título do time italiano, o resultado foi o banimento dos times ingleses de competições internacionais por tempo indeterminado. Na prática, os times ingleses foram banidos por cinco anos, com um ano de pena adicional imposta ao time do Liverpool. O resultado, de acordo com o que se vê no gráfico, foi um aumento do equilíbrio do campeonato nacional inglês durante este período. Um dos fatores que levou a este aumento do equilíbrio durante os anos de cumprimento da pena, foi que grandes nomes do futebol inglês saíram do país durante este período, para disputar os torneios continentais. Findo o período de exclusão da Inglaterra, gradativamente os jogadores foram retornando ao seu país.

Ao adicionarmos uma linha de tendência ao gráfico 6, poderemos observar mais claramente os movimentos comentados anteriormente, conforme segue:

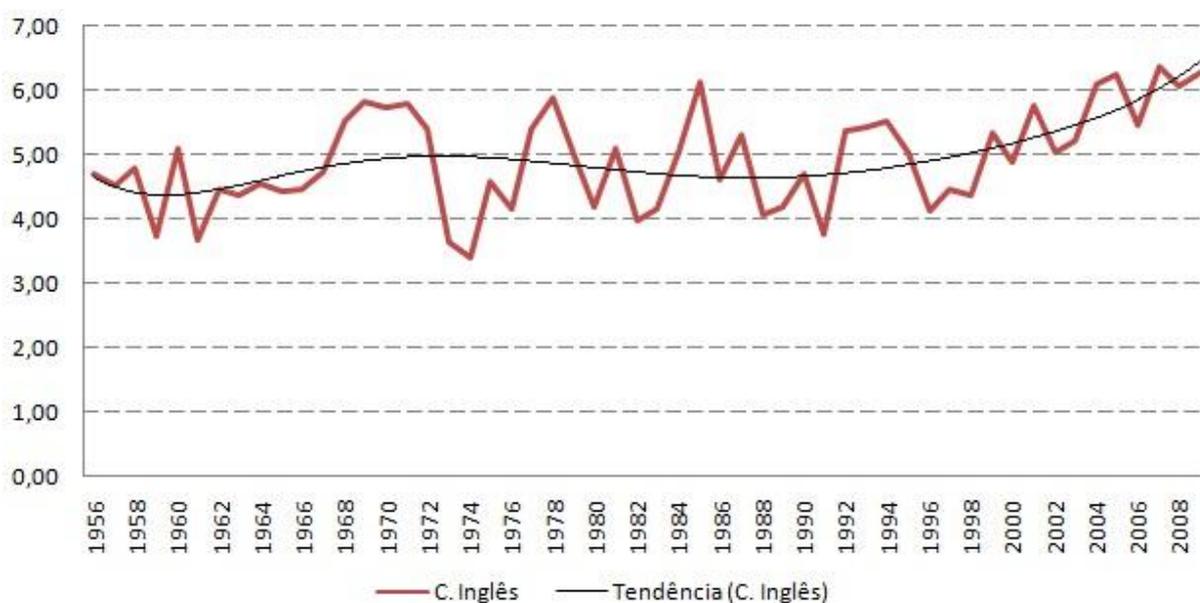
Gráfico 7 – Equilíbrio competitivo da primeira divisão do Campeonato Inglês acrescido de linha de tendência



Fonte dos dados Brutos: The Rec.Sports.Soccer Statistics Foundation.

Como se pode notar no gráfico 6, há claramente uma estabilidade em termos de tendência no equilíbrio do campeonato Inglês até a Segunda Guerra Mundial. Após a retomada da disputa do Campeonato Inglês em 1946, há uma clara tendência de alta para a variável desvio padrão. Esta tendência de alta é interrompida basicamente no período próximo a 1985, o que nos remete ao período em que os times ingleses não disputaram a UEFA Champions League. É bem verdade que a competição europeia não foi disputada desde 1946, o que sugere a idéia de montarmos um gráfico contendo apenas o período pós 1955, o ano da criação da UEFA Champions League. O resultado encontra-se a seguir.

Gráfico 8 – Equilíbrio competitivo do Campeonato Inglês pós 1955



Fonte dos dados brutos: The Rec.Sports.Soccer Statistics Foundation.

Como se pode notar no gráfico acima, existem basicamente quatro grandes movimentos ao longo deste período. Os movimentos podem ser melhor identificados com a utilização da linha de tendência. Em um primeiro momento, pode-se observar uma rápida redução do desequilíbrio, e esta redução poderia ser explicada como sendo um ajuste, visto que houve um aumento significativo do ano de 1955 para 1956 do desvio padrão (de 2,91 para 4,70). Após este ajuste, há uma tendência de alta, que se mantém até aproximadamente o início dos anos 1980. Este terceiro movimento é de baixa e em grande parte é explicado pelos anos de afastamento dos clubes ingleses das competições europeias, devido ao desastre do Estádio Heysel, como foi citado anteriormente. Com a saída de grandes jogadores para disputar competições internacionais durante o período 1986-1991, houve um aumento do equilíbrio competitivo na Premier League. Assim, após este movimento de baixa temos o último movimento que é relativamente longo e consistente, e representa o aumento do desequilíbrio do Campeonato Inglês pós 1991. Neste último movimento, além do impulso que representou a retomada dos clubes ingleses no cenário do futebol europeu, temos que no próprio ano de 1991 ocorre a primeira abertura de capital de um clube de futebol (Manchester United), fenômeno este que se repetiu

para outros clubes ingleses e europeus ao longo das décadas de 1990 e de 2000. Há ainda a questão da Lei Bosman (1995), que, conforme dito anteriormente, trouxe a globalização ao mundo do futebol e permitiu que clubes com maiores receitas passassem a montar times com características de verdadeiras seleções mundiais. Por fim, vale ressaltar que junto com os fatores citados, há ainda o aumento da importância da Copa dos Campeões da UEFA nas últimas duas décadas, especialmente. A copa ganhou mais repercussão, mais países passaram a retransmitir os jogos do torneio europeu e com isso as receitas dos clubes participantes também aumentaram. Tudo isso contribuiu para o aumento do desequilíbrio dos campeonatos nacionais, o inglês neste caso.

4.4 Considerações finais

Ao que parece, Hoehn e Szymanski (1999) estavam certos com relação a sua preocupação sobre modelo de ligas abertas e o sistema de promoções influenciarem no desequilíbrio dos campeonatos, ao menos a tese se mostra consistente com os números do campeonato Inglês.

Em suma, com esta análise da situação do futebol na Inglaterra o que se buscou foi traçar um paralelo com a situação do futebol no Brasil. Sabemos que existem inúmeras diferenças entre os países e sabemos que o estágio em que o Brasil se encontra atualmente é bastante diferente do estágio que a Inglaterra se encontra. Devido à falta de um histórico mais longo de competições de pontos corridos no Brasil, tudo o que se pode fazer é projetar cenários possíveis, ou comparar a situação brasileira com a situação de outros países, como o que procuramos fazer aqui. Destacamos que alguns números, como os repetidos campeões do campeonato brasileiro e apenas alguns clubes se revezando na participação da Libertadores são fortes indicadores de um movimento por nós já conhecido, semelhante ao caso inglês. Por outro lado, os desvios padrão calculados

para o campeonato brasileiro ainda são baixos, apesar do restrito histórico que temos à disposição.

A preocupação com o equilíbrio da competição se justifica por vários motivos, mas podemos começar pela ótica dos consumidores de futebol, que ao que tudo indica, conforme vimos no primeiro capítulo, possuem uma forte preferência por jogos onde o resultado é mais duvidoso, o que obviamente é mais raro quando temos um campeonato com um alto nível de desequilíbrio. Partindo da ótica dos demandantes de futebol, pode-se dizer que quando estes passam a perder o interesse em acompanhar o esporte isso se reflete na liga, que passa a ser menos acompanhada e receber menos em direitos de transmissão. Na outra ponta, os clubes acabam sendo fortemente prejudicados, visto que as menores arrecadações por parte das ligas se reproduzem na forma de menores repasses para os clubes e mesmo na forma de menor arrecadação com vendas de ingressos para jogos, dado o menor interesse do público.

5 CONCLUSÃO

Os estudos acerca da economia do futebol costumam se alinhar na questão referente ao posicionamento dos autores sobre a demanda por futebol. Porém, quando o assunto é o equilíbrio competitivo, é comum encontrar algumas divergências, o que é natural dentro de qualquer campo de pesquisa econômica. Este trabalho e as conclusões alcançadas, em grande parte se alinharam com as pesquisas mais recentes, como as de Szymanski (2001) e Hoehn e Szymanski (1999) e muitos outros. Assim como nas demais áreas da economia, o ponto central quando se estuda a economia do futebol está na interação entre a demanda e a oferta. Neste trabalho, procurou-se dar ênfase à demanda, para que os clubes e as ligas (ofertantes) possam melhor entender seu público-alvo e oferecer-lhe o que este deseja. Dentro da demanda por futebol, um dos componentes mais importantes é a questão da atratividade, ou seja, a capacidade de um jogo ou um campeonato atrair mais ou menos consumidores. Esta atratividade está diretamente ligada com o ponto central desta obra: o equilíbrio competitivo.

Aceitando que os consumidores têm preferência por assistir jogos em que o resultado não é facilmente inferido ex ante, e de acordo com os autores citados no primeiro capítulo, é lógico chegar à conclusão que campeonatos ou partidas extremamente desequilibradas não são desejadas. E sendo o desvio padrão do número de vitórias uma medida de desequilíbrio, quanto maior for o desvio, mais desequilíbrio haverá. Logo, analisar campeonatos em função do seu desvio padrão, como sendo uma proxy do desequilíbrio se mostra extremamente útil para entender movimentos de longo prazo de campeonatos e mesmo para preservar a sua demanda.

Foi possível notar claramente neste trabalho, que competições internacionais exercem, sim, influência sobre as competições nacionais, aumentando o seu desequilíbrio, exatamente como previsto por Szymanski (2001). Além disso, tendo o campeonato Inglês como referencial, notou-se também uma aceleração do aumento

do desequilíbrio nos últimos 20 anos, basicamente resultado da união de três fatores: a) aumento da importância da Copa dos Campeões da UEFA, representando uma maior arrecadação por parte dos clubes participantes; b) abertura de capital de times ingleses; c) fim do passe e facilitação da transferência de jogadores, em especial entre países da união Européia (Lei Bosman). Só foi possível chegar a essas conclusões, pois o Campeonato Inglês, na qualidade de uma competição já centenária e amadurecida, sempre foi disputado em um mesmo formato. Além disso, o movimento detectado na segunda metade da década de 1980 foi de grande valia para a análise, visto que representa um período de tempo suficientemente grande para sinalizar uma tendência no gráfico. Reforça-se aqui, portanto, a sugestão de Hoehn e Szymanski (1999) para a criação de uma superliga européia, idéia apresentada no primeiro capítulo, e que certamente contribuiria para a redução do desequilíbrio nos campeonatos europeus em geral.

Analisando os desvios padrão pelo lado do Campeonato Brasileiro foi possível observar que esta competição encontra-se em um patamar de desequilíbrio bem mais baixo do que todas as competições européias analisadas. Ressalta-se que a pequena amostra, decorrente do campeonato ser ainda uma competição jovem, e fruto de diversas experiências, e diferentemente do caso inglês, não permite tirar conclusões definitivas. O paralelo com a competição inglesa na década de 1920 é bastante interessante no sentido de representar um gráfico extremamente semelhante com o caso brasileiro atual. Assim, se faz importante um acompanhamento contínuo na questão do equilíbrio competitivo do Campeonato Brasileiro, visando a manutenção da atratividade do mesmo.

Por fim, estudar a economia do futebol se mostrou bastante proveitoso e durante a execução deste trabalho foi possível observar diversos pontos interessantes que merecem ser fruto de pesquisas futuras, mas que por motivos de escassez de tempo e mesmo por fugirem do foco desta pesquisa não foram abordados na mesma, como por exemplo, comparar outros campeonatos como o Espanhol ou o Italiano, diante da mesma ótica de desvio padrão, ou ainda, realizar uma análise semelhante para o impacto das competições internacionais nas

competições nacionais diante de uma ótica das receitas dos times, analisando, por exemplo, as desigualdades das folhas de pagamentos dos times, através do índice de Gini.

REFERÊNCIAS

BURAIMO, Babatunde; FORREST, David; SIMMONS, Rob. Freedom of entry, market size, and competitive outcome: Evidence from English soccer. **Lancaster University**. Management School. Department of Economics, Working Paper n. 047. 2005.

BURAIMO, Babatunde; SIMMONS, David. Market size and attendance in English Premier League football. **Lancaster University**. Management School. Department of Economics, Working Paper n. 3092. 2006.

CARMICHAEL, Fiona; THOMAS, Dennis; WARD, Robert. Team performance: the case of English Premiership Football. **University of Salford**, UK. 2000.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2010. Disponível em <<http://www.cbf.com.br>>. Acesso em: 30 de set. de 2010.

CONFEDERACIÓN SUDAMERICANA DE FÚTBOL. Disponível em <<http://www.conmebol.com>>. Acesso em 30 de set. de 2010.

CZARNITSKI, Dirk; STADTMANN, Georg. Uncertainty of outcome versus reputation: Empirical evidence for the First German Football Division. **Empirical Economics**, v.27, p. 101-112. 2002.

DOBSON, Stephen; GODDARD, John. Performance, revenue and cross subsidization in the Football League. **The Economic History Review**, v. 51, p. 763-785. 1998.

DOBSON, Stephen; GODDARD, John. Revenue divergence and competitive balance in a divisional sports league. **Scottish Journal of Political Economy**, v. 51, n. 3, p. 359-376. 2004.

FALTER, Jean-Marc; PÉRIGNON, Christophe. Demand for football and intra-match winning probability: An essay on the glorious uncertainty of sports. **University of Geneva Economics**. Department of Political Economy, Working Papers n. 00.04. 2000.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. Disponível em <<http://pt.fifa.com>>. Acesso em 30 de set. de 2010.

FORREST, David; SIMMONS, Rob. Outcome uncertainty and attendance demand in sport: The case of the English soccer. **The statistician**, v. 51, n. 2, p. 229-241. 2002.

FORREST, David; SIMMONS, Rob; SZYMANSKI, Stefan. Broadcasting, attendance and inefficiency of cartels. **Review of industrial organization**, v.24, n.3, p. 243-265. 2004.

GARCIA, Jaume; RODRIGUEZ, Placido. The determinants of football match attendance revisited: Empirical evidence from the Spanish Football League. **Journal of Sports Economics**, v.3, n.1, p. 18-38. 2002.

GROOT, L. European Football: Back to the 1950's. **Econ WPA**, Industrial Organization 0505003, 2005.

GUJARATI, Damodar N. **Econometria Básica**. São Paulo: Makron Books, 2000.

HOEHN, Thomas; SZYMANSKI, Stefan. The Americanization of European football. **Economic Policy**, v. 14, p. 205-240. 1999.

NEALE, Walter C. The peculiar economics of professional sports. **Quarterly Journal of Economics**, v. 78, p. 1-14. 1964.

PEEL, David; THOMAS, Dennis. The demand for football: a club-level analysis. **Empirical Economics**, v. 17, p. 323-331. 1992.

PEEL, David; THOMAS, Dennis. Outcome uncertainty and the demand for football: An analysis of match attendances in English Football League. **Scottish Journal of Political Economy**, v. 35, n. 3, p. 242-249. 1998

REC SPORT SOCCER STATISTICS FOUNDATION. Disponível em <www.rsssf.com>. Acessos em 2, 3, 16 e 28 de out. de 2010.

SZYMANSKI, S. Income Inequality, competitive balance and the attractiveness of team sports: some evidence and a natural experiment from English soccer. **The Economic Journal**, v. 111, F69-F84. 2001.

VARIAN, Hal R. **Microeconomia – Princípios Básicos**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

WAINER, A. L. Análise Introdutória de Economia do Futebol: Demanda por Futebol e Equilíbrio Competitivo. **UFRGS - Trabalho de diplomação**. Porto Alegre, 2007.